



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras



ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
CAMPUS AVANÇADO PROF^a. MARIA ELISA A. MAIA (CAMEAM)
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS (DLV)
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)

ANA CARINA ALVES DA SILVA

LITERATURA E IDENTIDADE LOCAL: UMA EXPERIÊNCIA SOBRE MEMÓRIAS
LITERÁRIAS COM ALUNOS DO 9º ANO

PAU DOS FERROS

2018

ANA CARINA ALVES DA SILVA

LITERATURA E IDENTIDADE LOCAL: UMA EXPERIÊNCIA SOBRE MEMÓRIAS
LITERÁRIAS COM ALUNOS DO 9º ANO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em rede nacional (PROFLETRAS), oferecido pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus Avançado* “Prof^a. Maria Elisa de Albuquerque Maia” – CAMEAM, Pau dos Ferros, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de Pesquisa: Leitura e Produção textual: diversidade social e práticas docentes

Orientadora: Profa. Dra. Maria Edileuza da Costa

PAU DOS FERROS
2018

A dissertação **Literatura e identidade local: uma experiência sobre memórias literárias com alunos do 9º ano**”, autoria de Ana Carina Alves da Silva, foi submetida à Banca Examinadora, constituída pelo PPGL/UERN, como requisito parcial necessário à obtenção do grau de Mestre em Letras, outorgado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Dissertação defendida e aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dr.^a Maria Edileuza da Costa– UERN
(Presidente)

Prof. Dr. Francisco Vieira da Silva- UFERSA
(Examinador externo)

Profa. Dr.^a Rosângela Maria Bessa Vidal - UERN
(Examinadora interna)

Profa. Dr.^a Maria Lúcia Pessoa Sampaio - UERN
(Suplente)

Pau dos Ferros

2018

DEDICO este trabalho às minhas duas sementes plantadas neste mundo, minhas filhas **Sabrina** e **Ana Luísa**, na certeza de ter deixado um fruto fecundo de amor e dedicação ao saber.

AGRADECIMENTOS

Ao iniciar meus agradecimentos não poderia deixar de passar pela memória todas as situações que me fizeram chegar onde estou. E cada vez mais me convenço de como a Educação é poderosa e transformadora. Muitos são os obstáculos que permeiam nossa caminhada, mas o sabor do dever cumprido, do prazer de realizar mais um sonho, esses, não têm preço. Não seria possível conquistar nossos objetivos sem aqueles que nos acompanham nos dando apoio, amor e compreensão. E nada mais importante do que um coração sempre agradecido.

Agradeço a Deus por sempre me fortalecer diante dos obstáculos e me fazer sempre enxergar uma luz no fim do túnel.

Às minhas filhas, **Sabrina** e **Ana Luísa** razão maior da minha vida, por entenderem minhas ausências nas muitas viagens ao mestrado e a quem deixo o meu legado de eterna amante do saber. E à minha filha de coração e de alma, **Paula Vívian**, que mesmo em meio à sua rotina de estudos sempre me acalentava com uma palavra amiga de amor e incentivo.

Aos meus **pais** por serem sempre abrigo e proteção, sempre prontos a ajudar, tomando muitas vezes o meu lugar no cuidado com minhas pequenas, meu muito obrigada.

À minha **família** que está sempre comigo em todos os momentos desde a primeira alegria do ingresso ao mestrado assim como nos momentos de cansaço, de tribulações. Sendo sempre uma mão amiga, um ombro para descansar.

Em especial à minha irmã **Ana Cátia**, minha outra metade, por estar ao meu lado sempre, me apoiando e me fazendo sempre lembrar que nunca estarei só porque formamos uma só alma de amor, companheirismo e compreensão.

À minha orientadora **Maria Edileusa** pela orientação e cuidado com o meu trabalho, assim como pelos momentos de compreensão e tolerância me acolhendo nos momentos em que as obrigações de mãe mesclavam a de pesquisadora.

À escola **Manoel Viana dos Santos** que me permitiu desenvolver minha pesquisa e que me acolheu há oito anos atrás, contribuindo sobremaneira para a minha prática.

Aos participantes da pesquisa, meus **alunos**, que fizeram minha pesquisa ser possível. Muito obrigada pela valorosa contribuição.

Aos meus **amigos e colegas de trabalho** que sempre me deram força nessa busca pelo conhecimento, pela busca da qualificação profissional que muitas vezes é tortuosa, desestimulante. Porém até mesmo os momentos de desestímulo me fizeram mais forte, porque desde cedo aprendi a ser de luta.

Aos colegas do mestrado da **turma II** que tão bem nos acolheram e com quem vivi momentos inesquecíveis de troca de conhecimento, mas também de amizades sinceras e duradouras.

Em especial às minhas amigas **Aurineide e Mara Rúbia**, presentes especiais desse mestrado. Minhas companheiras de viagem a bordo da “Branca de Neve” onde dividíamos nossas angústias, mas sempre ao som de longas risadas. E que fizeram desse mestrado o melhor mestrado do mundo!

Aos colegas da **turma III** pelos momentos de aprendizado e convivência sempre proveitosos em todo o decorrer do mestrado.

Em especial à minha amiga **Renata**, a galega de Fortaleza, a quem tenho muito apreço. Minha companheira de trabalho, com quem dividi as alegrias e as intempéries desse mestrado sempre de forma bem-humorada. Uma amiga que levarei para sempre comigo e que a distância será mero detalhe.

À minha colega **Aldicelandra** pelas palavras de incentivo e por dividir comigo momentos de alegria e de dúvidas nessa caminhada. Sempre com uma palavra amiga e serena.

À minha amiga **Patrícia** com quem tive o prazer de conviver no final do meu percurso, mas que muito me ajudou nos momentos de incerteza e tribulações com uma palavra de conforto e uma presença especial na minha vida e da minha família.

Aos **professores** do PROFLETRAS que muito me ensinaram e me inspiraram a melhorar sempre, a buscar o conhecimento pois dele depende a excelência do meu trabalho e a concretização dos meus objetivos.

Ao secretário, **Edneudo**, sempre solícito em auxiliar durante todo o decorrer do mestrado.

Às minhas avaliadoras na qualificação, **Maria Eliane Sousa da Silva e Maria Lúcia Pessoa Sampaio** pelas intervenções construtivas durante o Exame de qualificação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (**CAPES**) pela concessão da bolsa durante o período de realização deste Mestrado.

A **todos** que de uma forma ou de outra estiveram comigo, torcendo pela concretização deste sonho, meu muito obrigada!

RESUMO

Há bastante tempo discute-se sobre a maneira pela qual o ensino de literatura vem se configurando nas salas de aula e isso conseqüentemente vem promovendo uma reflexão sobre o papel e a importância desta nas aulas de língua portuguesa no ensino fundamental do 6º ao 9º ano. Daí a necessidade de consolidar a presença da literatura em sala de aula, haja vista que a mesma, além de sua capacidade criadora, atua ainda como socializadora da linguagem e dos valores que acreditamos, nos identificar. Pretendemos assim, promover uma valorização da literatura através do trabalho com memórias literárias, onde os alunos tiveram a oportunidade de recontar as memórias de antigos moradores de seu município, a partir de entrevistas. Nessa perspectiva, o presente trabalho visa fortalecer a literatura em sala de aula ressignificando a identidade local dos alunos da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Manoel Viana dos Santos através das memórias dos moradores antigos do município de Belém do Brejo do Cruz/PB. Nesse propósito, tomamos como suporte teórico em relação ao ensino de literatura os trabalhos de Candido (1972), Cosson (2013, 2014), Melo (2008), Zinani (2007), Zilberman (2009) entre outros. No campo dos estudos sobre gênero discursivos/ textuais, buscamos apoio em Marcuschi (2008,2003a, 2003b), Bakhtin (1997), Bazerman (2006a, 2006b); para os estudos sobre memória optamos por Halbwachs (2004), Bosi (1994), Pollack (1992) e Le Goff (1992); e sobre identidade nos baseamos em Hall (2005), Bauman (2005). Os procedimentos metodológicos adotados para a coleta de dados se caracterizaram por uma abordagem qualitativa, com base nos objetivos nossa pesquisa se classifica como descritiva, em relação às técnicas e instrumentos de coleta caracteriza-se como interventiva. O trabalho de intervenção consistiu na aplicação de dois questionários, assim como a produção de texto pelos alunos com o gênero memórias literárias. Nosso *corpus* é composto pelos questionários aplicados, bem como de quatro produções de textos memorialísticos. Nosso intento foi averiguar se os alunos apresentaram um novo olhar sobre o texto literário a partir das leituras de textos memorialistas, se relacionaram a literatura às histórias colhidas e recontadas por eles na interação com os seus entrevistados e se, de fato, houve um fortalecimento da literatura nessa turma. Constatamos que a maioria dos alunos se sentiu motivada para a leitura literária e todos os alunos conseguiram relacionar os textos memorialísticos à literatura ligando-os ao caráter subjetivo e ficcional que esta proporciona. No entanto, entendemos que a busca pela valorização da literatura em sala de aula é contínua e ininterrupta, pelo fato de a mesma solidificar o espaço da leitura na escola proporcionando aos alunos adentrar no mundo da ficção e nele refletir sobre o mundo que os cercam, as relações que estabelecem, fazendo uma relação da literatura com suas próprias vidas. No que diz respeito à ressignificação da identidade local dos alunos através das memórias dos moradores antigos de sua comunidade, constatamos que esse encontro foi profícuo no sentido de aproximar esses alunos das histórias que representam a coletividade de sua comunidade.

Palavras-chave: Literatura, memórias literárias, identidade, ensino de língua portuguesa

ABSTRACT

For a long time there has been a discussion about the way how literature has been taught in classrooms and this has consequently promoted a reflection on the role and importance of the teaching of literature in Portuguese language classes in Brazilian elementary school. It is necessary to consolidate the presence of literature in the classroom, since, in addition to its creative capacity, it acts as a socializer of language and values that, as we believe, identify us. We intend to promote a valuation of literature through work with memoirs, with which students had the opportunity to recount the memories of former residents of their city, based on interviews. In this perspective, this work aims to strengthen the teaching of literature in the classroom, rescuing the local identity of the students of the school Manuel Viana dos Santos through the written memories of the ancient residents of the municipality of Belém do Brejo do Cruz / PB. In this purpose, we take as theoretical support regarding literature teaching Candido (1972), Cosson (2013, 2014), Melo (2008), Zinani (2007), Zilberman (2009) and others. In the field of discursive / textual gender studies, we resort to Marcuschi (2008, 2003a, 2003b), Bakhtin (1997), Bazerman (2006a, 2006b); for memoirs studies, Halbwachs (2004), Bosi (1994), Pollack (1992) and Le Goff (1992); and for identity studies Hall (2005) and Bauman (2005). The methodological procedures adopted for the data collection were characterized by a qualitative approach. Based on the objectives, our research is classified as descriptive. In relation to techniques and instruments of collection, it is characterized as intervention. The intervention work consisted in the application of two questionnaires, as well as the production of memoirs by the students. Our corpus is composed of the questionnaires applied, as well as 4 productions of memorialistic texts. Our intention is to find out if the students presented a new idea on the literary text due to the readings of memorialist texts, related the literature to the histories collected and retold by them in the interaction with their interviewees and if, in fact, there was a strengthening of the literature in this class. After the analysis, we found a very positive and satisfactory result, since most of the students felt motivated for the literary reading and all the students were able to relate the memorialistic texts to the literature linking them to the subjective and fictional character that it provides. However, we understand that the search for the valuation of literature in the classroom is continuous and uninterrupted, because it solidifies the space of reading in school by allowing students to enter the magical world of fiction and reflect on the world around them, the relationships they establish, making a relationship of literature with their own lives. With regard to the re-signification of the local identity of the students through the memories of the old residents of their community we found that this meeting was fruitful in bringing these students closer to the stories that represent the people of their community.

Keywords: Literature, Memoirs, Identity.

LISTA DE ABREVIATURAS

CD – Compact disc

CE - Ceará

OLPEF – Olimpíada de Língua Portuguesa escrevendo o futuro

OLP - Olimpíada de Língua Portuguesa

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PDE - Plano de Desenvolvimento da Educação

PROFLETRAS – Programa de Mestrado Profissional em Letras

SD – Sequência didática

UERN – Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01- Você gosta de ler?

Gráfico 02- Com que frequência você lê?

Gráfico 03- Que tipo de leitura você gosta de fazer?

Gráfico 04- Você participa da escolha dos livros lidos em sala ou na biblioteca?

Gráfico 05- Quantos livros você leu ano passado?

Gráfico 06- Os professores que você teve incentivaram a leitura em sala de aula?

Gráfico 07- Os livros lidos por você durante o ano passado foram escolhidos livremente ou indicados pelo professor?

Gráfico 08- Você gosta da sua cidade?

Gráfico 09- Preferiria morar em outro lugar?

Gráfico 10- Qual a sua opinião sobre a leitura de seus textos feitas ao longo das oficinas e produção dos textos memorialísticos?

Gráfico 11- As histórias colhidas e recontadas por você têm relação com a literatura?

Gráfico 12- Após o trabalho desenvolvido nas oficinas e o trabalho com as memórias literárias você se sentiu motivado à leitura literária?

Gráfico 13- Após o contato com os textos de memórias durante a sequência didática você sentiu-se motivado a ter mais contato com a literatura?

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
1.1 Foco de estudo e delimitação do tema.....	13
1.2 A justificativa e a pertinência da pesquisa.....	14
1.3 Objetivos e questões de pesquisa.....	15
1.4 Orientação teórica e estado da arte	16
1.5 Estrutura e organização da dissertação	17
2 A ESCOLA E O ENSINO DE LITERATURA	188
2.1 O ensino de Literatura em foco	188
2.2 Gênero textual discursivo	211
2.3 Memórias literárias: um gênero confessional	277
2.3.1 O TRABALHO COM MEMÓRIAS LITERÁRIAS A PARTIR DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA	29
3 MEMÓRIA E IDENTIDADE	333
3.1 Memória e identidade	333
3.2 Memória(s), história e Literatura.....	388
4 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	422
4.1 Questões gerais da pesquisa: métodos, abordagem e procedimentos	422
4.2 O <i>locus</i>	444
4.3 Os sujeitos.....	444
4.4 Delimitação do <i>corpus</i>	444
4.5 Intervenção em sala de aula: revisitando a literatura através das memórias literárias.....	455
4.5.1 MÓDULO 1: O PRIMEIRO CONTATO	488
4.5.2 MÓDULO 2: EM BUSCA DAS MEMÓRIAS	49
4.5.3 MÓDULO 3: A ESCRITA E REESCRITA	511
4.5.4 MÓDULO 4: CIRCULAÇÃO DO GÊNERO	544
5 ANÁLISE DOS DADOS	555
5.1 Hábitos de uso e comportamentos dos alunos com a leitura e a literatura	555
5.2 Percepções dos alunos após a aplicação da sequência didática.....	666
5.3 Análise dos textos memorialísticos	733
5.3.1 ANÁLISE DAS MEMÓRIAS LITERÁRIAS “MEU LUGAR, MEU TESOURO”	744
5.3.2 ANÁLISE DAS MEMÓRIAS LITERÁRIAS “UMA MULHER GUERREIRA” .	755
5.3.3 ANÁLISE DAS MEMÓRIAS LITERÁRIAS “MINHA HISTÓRIA”	766

5.3.4 ANÁLISE DAS MEMÓRIAS LITERÁRIAS “TARDE DE DOMINGO”	777
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	800
REFERÊNCIAS	844
ANEXOS	877

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1 FOCO DE ESTUDO E DELIMITAÇÃO DO TEMA

Tem se tornado constante no meio acadêmico a discussão de como o ensino de literatura tem sido limitado e como são deficitárias as metodologias utilizadas. Ainda pesa sobre o ensino de literatura a fragmentação de obras apresentadas no livro didático, assim como um enfoque voltado à historicidade das escolas literárias que acaba por promover desinteresse e resistência por parte dos alunos em relação à leitura literária. Isso promove uma reflexão sobre o papel e a importância desta disciplina no contexto das aulas de língua portuguesa, principalmente no ensino fundamental do 6º ao 9º ano.

A crise da leitura e a indiferença dos alunos pela literatura são pontos importantes a serem revistos por educadores, pois embora teoricamente eles tenham sido discutidos em congressos, livros, universidades e cursos de formação, a prática na sala de aula ainda precisa ser reformulada. Para que isso melhore consideravelmente é importante a presença do ensino de literatura de uma forma dinâmica na qual os alunos possam desenvolver habilidades específicas de um leitor literário.

Partindo do pressuposto de que a literatura é capaz de satisfazer as necessidades dos alunos, permitindo-lhes adotar uma postura crítica em relação ao mundo a partir de conclusões, questionamentos e comparações entre o texto literário e a sociedade, selecionamos, como instrumento norteador da nossa pesquisa o gênero memórias literárias. Essa escolha partiu da identificação que os alunos podem obter com os textos reais vivenciados por conhecidos e familiares.

Pretendemos, assim, promover uma valorização da literatura através do trabalho com memórias literárias tomando como referência parte das oficinas sugeridas no caderno “*Se bem me lembro...*”, da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro (OLPEF) (2016), em que os alunos têm a oportunidade de recontar as memórias de antigos moradores de seu município, a partir de entrevistas. Há de se salientar que as oficinas serão adaptadas, adequando-se ao objetivo e estratégias metodológicas adotadas na pesquisa.

Acreditamos que reviver por meio da produção dessas histórias, baseadas nas lembranças de antigos moradores de sua cidade, faz com que os alunos entrem em

contato com a literatura de maneira mais significativa, pelo fato de reforçarem a identidade local a partir da fala de cada morador.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa visa trabalhar a literatura em sala de aula resgatando a identidade local dos alunos da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Manoel Viana dos Santos através das memórias dos moradores antigos do município de Belém do Brejo do Cruz, Paraíba.

1.2 A JUSTIFICATIVA E A PERTINÊNCIA DA PESQUISA

Nossa pesquisa foi motivada por três razões distintas. A primeira tem origem na nossa prática profissional como professora de Língua Portuguesa onde observamos a literatura sendo encarada com um certo desinteresse pelos alunos e o seu ensino sendo negligenciado muitas vezes pela escola.

Sabemos que a literatura, seja ela nacional ou estrangeira, ainda ocupa um papel secundário nas salas de aula, isto é, não está presente quanto deveria. Isso porque o livro didático ainda tem, em muitos casos, norteados esse ensino com atividades distantes das práticas de leituras. Diante dessa realidade, podemos inferir que atividades de leitura literária são raras e é crescente o desinteresse pela literatura.

Nesse sentido, os professores têm como desafio proporcionar uma formação literária aos alunos competindo com o domínio das tecnologias visuais e a cultura do entretenimento. Assim, é preciso que haja uma rediscussão quanto aos objetivos de ensinar e estudar literatura, assim como a sua relevância enquanto meio de fortalecimento dos sujeitos sociais. Acreditamos ainda que a aproximação entre as pesquisas acadêmicas e as práticas pedagógicas nas escolas convergem para o fortalecimento do ensino da literatura, tendo em vista uma reflexão sobre a prática e uma consequente abertura a novos olhares sobre o assunto.

A segunda delas se deve a uma constatação ao iniciar nosso trabalho na cidade de Belém do Brejo do Cruz há oito anos, quando no contato com os alunos percebemos uma certa resistência por parte dos mesmos no que diz respeito à identificação com o lugar em que viviam. Em muitos relatos, ouvimos que não gostavam da cidade, que preferiam morar em outro local, classificando o lugar do outro quase sempre como melhor. Ainda hoje percebemos resquícios desse pensamento. Pensando nisso, decidimos utilizar as memórias literárias para que, a partir das entrevistas com os moradores e o contato com as histórias de cada um, fosse possível

uma (re)aproximação desses discentes com o lugar onde vivem. Assim, as memórias abrem um caminho mais atraente para esse mundo por possibilitar ao aluno viver experiências alheias narradas e vivenciadas no imaginário pessoal, ampliando sua capacidade de oralidade, além de funcionar como um incentivo à produção textual dos próprios alunos.

Desse modo, a temática apresentada nos cadernos da Olimpíada “O lugar onde eu vivo 2016” faz uma referência bastante particular ao espaço do aluno, espaço esse que conta uma história a partir de uma memória, é carregado de subjetividade. Somos constituídos dessas memórias advindas do tempo e do espaço, vivenciadas e determinantes nas nossas identificações sociais, como pertencimento a um determinado grupo, ou a uma tradição, cultura. A temática torna possível o resgate e a valorização da identidade desses alunos e o sentimento de pertencimento ao lugar onde vivem.

A terceira diz respeito ao compromisso social e cultural que o trabalho com memórias possibilita por dar voz a pessoas que há muito andavam esquecidas e trazer à tona histórias que poderiam se perder com o tempo por não terem um relato por escrito. A relevância do presente trabalho se constitui enquanto necessidade de consolidar a presença da Literatura no elenco do ensino discente, por entendermos que esta é um direito do ser humano e independente de demonstrar interesse, negar esse contato é de certa forma, privá-lo do exercício de sua humanidade.

1.3 OBJETIVOS E QUESTÕES DE PESQUISA

Nosso objetivo geral se constitui em trabalhar a literatura em sala de aula, ressignificando a identidade local dos alunos através das memórias literárias.

De acordo com a proposta, expomos os objetivos específicos da pesquisa:

- i) identificar a motivação para a leitura literária no ensino fundamental por meio do trabalho com memórias literárias;
- ii). Resgatar a identidade local dos alunos através das memórias dos moradores antigos do município de Belém do Brejo do Cruz;
- iii) Analisar o processo de interação entre os textos dos alunos e as narrativas memorialísticas locais através dos textos de memórias literárias produzidos por eles.

Elegemos as memórias literárias como o gênero a ser usado no decorrer da sequência por acreditarmos que trazer à tona as histórias de antigos moradores, e por

essas memórias envolverem diretamente os alunos envolvidos, fará com que a relação entre eles e o texto ocorra de forma mais prazerosa.

1.4 ORIENTAÇÃO TEÓRICA E ESTADO DA ARTE

Com vistas a fundamentar nossa discussão tomamos por base alguns aportes teóricos. No que trata do ensino de literatura autores com Candido (1972), Cosson (2013, 2014), Melo (2008), Zinani (2007), Zilberman (2009) entre outros. Como optamos pelo trabalho com memórias literárias, recorremos a estudos que trabalham questões relacionadas à Memória e Identidade, dentre os teóricos destacamos Bosi (1994), Halbwachs (2004), Hall (2008) e Bauman (2005). No que diz respeito à sequência didática, utilizamos Dolz (2010) e Costa-Hubes (2014).

Além disso, podemos citar algumas pesquisas já desenvolvidas sobre a temática a qual nos debruçamos. No programa de mestrado profissional em Letras PROFLETRAS, na unidade de Pau dos Ferros, campus da UERN pudemos averiguar trabalhos de grande valor versando sobre o trabalho com memórias literárias.

A exemplo a dissertação de Nogueira (2016) que tem como título “Memórias literárias e ensino: a construção da narrativa memorialística nas aulas de língua portuguesa”, em que abordou as memórias literárias e o ensino a partir da construção da narrativa memorialística na aula de Língua Portuguesa. Interessante apontar que este se debruçou sobre as memórias de mulheres, atitude bastante louvável por trazer à tona a voz feminina muitas vezes silenciada. Propôs uma reflexão sobre a constituição do gênero e de como a sua didatização contribui para o ensino da leitura e da escrita na sala de aula.

Assim como a pesquisa realizada por Leite (2016) com o título “A Reescrita Do Gênero Memória Literária Nas Olimpíadas De Língua Portuguesa”, a qual analisou o processo da reescrita e suas contribuições para a aprendizagem da escrita do gênero memória literária dos alunos do 8º ano de uma escola pública do município de Pereiro/CE.

Ainda podemos citar a pesquisa de BOENO (2013), intitulada “Memórias literárias: das práticas sociais ao contexto escolar.” A sua pesquisa reflete sobre a constituição e a didatização do gênero “memórias literárias”, tomando como foco a investigação da sócio-história do gênero e na análise dos encaminhamentos metodológicos para o ensino.

Nossa pesquisa se diferencia das demais porque mesmo abordando as memórias literárias, a utilizamos com o objetivo de fortalecer o ensino da literatura e ressignificar a identidade dos alunos a partir das narrativas memorialísticas

1.5 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Nas considerações iniciais fizemos a exposição do objeto de estudo e o tema de nossa pesquisa, as justificativas que sustentaram a pertinência do nosso trabalho para a produção de conhecimento e os objetivos que deram respaldo às questões de pesquisa e nortearam a busca de soluções;

No segundo capítulo, contextualizamos, a partir do aporte teórico, o ensino de literatura e o lugar do texto literário na escola. Discutimos sobre o conceito de texto e de gênero textual/discursivo voltado para a visão sociointeracionista da linguagem, situando o gênero textual escolhido. Abordamos também as teorias que sustentaram a nossa intervenção e a sequência didática.

No terceiro capítulo, apresentamos o conceito de memória, distinguindo os termos memória/memórias. Enfocando a condição sócio-histórica do gênero, assim como a definição do termo memória nos aspectos históricos, literários, linguísticos. Abordamos também o conceito de identidade, discutindo sobre a identidade individual e a identidade coletiva.

No quarto capítulo delineamos os aspectos teórico-metodológicos, nos quais caracterizamos a pesquisa e detalhamos os procedimentos seguidos durante o estudo, apresentamos o *locus* e os sujeitos da pesquisa, os critérios e seleção do *corpus* e a descrição da intervenção realizada em nossas aulas de língua portuguesa, a qual a partir dela obtivemos as produções textuais que constituíram o *corpus*.

No quinto capítulo, apresentamos as análises dos questionários e dos textos de memórias literárias produzidos pelos alunos, bem como os resultados alcançados pela pesquisa.

Nas considerações finais, fizemos uma breve retomada dos principais pontos que nortearam nossa pesquisa. Em seguida, apresentamos as conclusões a que chegamos sobre o trabalho com memórias literárias estabelecendo um diálogo com as questões de pesquisa propostas, bem como, apresentando as contribuições da pesquisa para o ensino de literatura.

2 A ESCOLA E O ENSINO DE LITERATURA

2.1 O ENSINO DE LITERATURA EM FOCO

Uma preocupação constante entre os professores de Língua Portuguesa é a carência da leitura do texto literário tanto em seu aspecto quantitativo como qualitativo e seu conseqüente enfraquecimento em sala de aula. O ensino de literatura ainda hoje toma como referência o modelo tradicional de ensino visto a partir de uma historicidade, que privilegia as características das escolas literárias assim como a análise intrínseca do texto. Esse quadro se agrava no ensino fundamental já que a literatura praticamente não é abordada, pelo menos não com as características humanizadoras e nem tampouco como possibilidade para a formação de leitores críticos para o mundo.

Para Candido (1972), o estudo da função da obra literária deve extrapolar o plano estrutural, alcançando assim o seu valor, a intencionalidade em relação ao público, seja de despertar sensações, sentimentos ou até mesmo revoltar, se rebelar dependendo da relação que este estabeleça com o texto. Não havendo um olhar que ultrapasse os limites estruturais em relação à obra literária, prendendo-se apenas aos aspectos constituintes o mais relevante ficará à margem, aquilo que diz respeito à capacidade de tornar o homem cada vez mais humano, que é considerado pelo autor como a maior função desse gênero.

A partir dessas considerações, é relevante refletir sobre como é urgente desvincular a questão da leitura literária da natureza pedagógica e moralista que esta adquire quando realizada no âmbito escolar.

Com o advento do estudo dos gêneros textuais nas últimas décadas, pôde-se notar um avanço no ensino de língua portuguesa, no que se refere à diversidade e variedade com que os textos passaram a circular em sala de aula. Em contrapartida, minimizaram a leitura de textos literários, este passando a ser encarado como apenas mais um gênero de texto a circular em sala de aula. Assim,

[...] Essa forma de tratamento com o texto literário parece ter colaborado para que nossos alunos perdessem o contato com um tipo de leitura diferenciada que, ao nosso ver, um texto dessa natureza pode favorecer: uma leitura que vai exigir do leitor determinadas estratégias cognitivas e sociais, de modo que nossos interlocutores

possam se tornar leitores mais competentes, pela própria dinâmica do gênero de texto literário. (MELO, 2008, p. 6-7)

Assim, é notória a importância da presença do texto literário e como a sua ausência é prejudicial, visto que o ensino de literatura atua no processo de aprendizagem do aluno desenvolvendo sua capacidade imaginativa, crítica e criativa.

Corroborando com essa afirmação, Cosson (2014) aponta como um dos indicativos para a ausência ou mais especificamente a diminuição do espaço da literatura na escola o fato de o livro didático hoje constituir-se de textos dos mais diversos gêneros diminuindo ainda mais um lugar que já era insatisfatório pelo fato de apresentar apenas fragmentos de textos literários. O que se observa é o texto literário sendo preterido em decorrência de uma esmagadora maioria de gêneros textuais presentes no livro didático.

O resultado de tudo isso é o estreitamento do espaço da literatura na escola e, conseqüentemente, nas práticas leitoras das crianças e dos jovens. No campo do saber literário, o efeito de tal estreitamento pode ser potencialmente ainda mais desastroso porque a escola é a instituição responsável não apenas pela manutenção e disseminação de obras consideradas canônicas, mas também de protocolos de leitura que são próprios da literatura. Se a presença da literatura é apagada da escola, se o texto literário não tem mais lugar na sala de aula, desaparecerá também o espaço da literatura como lócus do conhecimento.” (COSSON, 2014, p. 15)

Desse modo, fica clara a necessidade e a relevância de a escola proporcionar esse encontro do educando com a literatura, motivando-o a conhecer a grandeza que os textos literários apresentam e impulsionando diálogos entre o leitor e a realidade que o cerca, com o objetivo de que a prática da leitura literária se conceba em algo cada vez presente no contexto escolar.

É usual entre o público adolescente ou pré-adolescente relacionarem a leitura a algo de pouca utilidade, pois os livros não representam para eles um conhecimento imediato. Dessa forma, falta-lhes ainda perceber que uma nova percepção vai sendo construída à medida em que eles leem, decodificam e articulam palavras. Aspectos até então engessados vão ser repensados, pois há uma “interpretação entre os fragmentos da vida real passada e os fragmentos da presente ficção proposta pelo autor” (ZINANI, 2007, p.390).

Por ser a leitura uma experiência profundamente particular e que é resultado do confronto entre o texto literário e a história pessoal do leitor, torna-se mais fácil compreender porque certos textos não provocam a curiosidade e/ou a vontade de ler nos adolescentes. Alguns travam na ideia de que a leitura literária é penosa, árdua, complicada e por isso enfadonha enquanto a leitura de jornais, revistas e principalmente as que se refere as mídias digitais são bem mais agradáveis dado a rapidez e a facilidade na compreensão.

Dessa maneira, acredita-se que, na medida em que o leque de interesses for aberto e que o aluno perceber a profunda relação da leitura do texto literário tanto com seu mundo interior quanto com o mundo que o cerca, a atuação sobre a zona de desenvolvimento proximal será produtiva, e o resultado será a formação de um leitor crítico, que constrói o sentido da leitura e desenvolve o prazer estético. (ZINANI, 2007, p. 397)

Assim, a relação entre o texto literário e o leitor é construída na incorporação das vivências e dos anseios de cada leitor ao mundo imaginativo e fantástico da leitura onde o real e o imaginário se misturam, construindo, assim, o sentido do texto e a promoção da criticidade do mesmo, se distanciando desse modo do ensino mecânico e pouco atrativo tradicionalmente utilizado.

Ao contar e perpetuar as narrativas orais de seus antepassados tomando como porta voz os moradores mais antigos de sua terra os alunos podem reviver o passado, atizar o que, por ventura, tenha sido esquecido pela urgência da modernidade. Contudo, fomos além das narrativas orais, recuperar o passado para instituir o sujeito no presente e enquanto matéria da literatura.

Nesse sentido, o fato de reviver memórias ajuda a sedimentar a identidade desses sujeitos como uma forma de resistência a um tempo de informações abundantes e fragmentadas. O contato dos alunos com obras memorialistas e com o passado através das lembranças de pessoas de sua comunidade proporcionado pelas entrevistas, bem como com a produção de textos a partir dessas “conversas” passa a ser ponto de partida para a redescoberta de si e da consciência histórica de seu povo e, mais do que isso, demonstra como a literatura pode ser algo concreto, presente no dia a dia deles e que esta pode abranger e recolocar em outro nível de discussão os problemas referentes à identidade, efetivando sua função social e formadora.

Dessa maneira, ao difundir uma leitura estética e ética da sociedade em que estão inseridos os sujeitos e atendendo às expectativas desses leitores contemporâneos, a literatura contribui significativamente como prática social colaborando com leituras autônomas sobre a identidade individual e coletiva dos indivíduos, tomando assim, uma dimensão social preocupada com a formação humana que vai além do ensino formal de conteúdo.

Assim, o texto literário ocupa um lugar ainda insatisfatório na sala de aula, pois em grande parte está voltado apenas ao dever sistemático, educativo e, por vezes, moralizante assim como no seu surgimento no final do século XIX. Enquanto a leitura literária se resumir à finalidade de resolver exercícios interpretativos baseados no que determina o livro didático, no qual a obra não tem prioridade, o ensino de literatura não estará cumprindo seu papel que é provocar os sentidos do leitor, promovendo diálogos entre este e o texto, provocando transformações.

2.2 GÊNERO TEXTUAL DISCURSIVO

Há bastante tempo os estudos sobre a teoria dos gêneros discursivos/ textuais figuram no campo dos estudos linguísticos embora tenha alcançado popularidade com a implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, fomentando relevantes discussões acerca do ensino de língua Portuguesa. De acordo com os PCN o trabalho com a produção de texto deve ter como ponto de partida a utilização dos gêneros textuais, pois “Todo texto se organiza dentro de um determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos os quais geram usos sociais que os determinam” (BRASIL, 2001, p. 21).

Toda materialização da linguagem se estabelece através de textos, que se manifestam segundo as diversas atividades humanas e são organizados em gêneros. Ao produzirmos textos, conseqüentemente, produzimos fatos sociais. Por esse ângulo, os gêneros são legitimados pelos sujeitos das comunidades discursivas como modelos constitutivos do processo de sistematização das práticas sociais.

Esse processo de produção textual torna-se mais significativo ao partir de práticas sociais e do uso cotidiano desses gêneros. Para que o processo de ensino-aprendizagem dos gêneros discursivos/ textuais seja significativo, o texto necessita desempenhar sua função social. Dessa forma, a produção de texto, na escola, deve ser assentada na promoção de práticas sociais comunicativas relacionadas ao

contexto de produção, à intenção comunicativa, à esfera discursiva a que o gênero pertence.

O trabalho com os gêneros, pois, potencializa a autonomia do aluno no processo de leitura e escrita, além de proporcionar a concepção crítica dos diversos gêneros do discurso utilizados no seu dia a dia, tendo em vista que a linguagem resulta das interações nas diversas situações comunicativas. Não podemos dissociar a linguagem das práticas discursivas, muito menos do espaço de ação social de atuação dessas práticas.

Trabalhar sob a perspectiva dos gêneros textuais/ discursivos possibilita maior efetividade no trato com a linguagem por delimitar as ações da linguagem e suas particularidades como objeto de ensino. É pertinente observar ainda que “o domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidade de plena participação social” (BRASIL, 2001, p. 19). Através do domínio da linguagem os indivíduos adquirem aptidões que lhes permitem acessar informações, expor e argumentar em prol de seus posicionamentos e exercer a sua cidadania. Todavia, esse trabalho com os gêneros exige uma nova concepção de linguagem, bem como a utilização de novas práticas metodológicas que atendam a esses novos pressupostos teóricos.

Desse modo, Bakhtin (1997, p. 281) reitera que os estudos dos gêneros literários abordava somente os aspectos artístico-literários desses gêneros não tratando, portanto dos enunciados. Como o termo gênero passou, posteriormente, a focar também as práticas da fala e da escrita associado às práticas sociais de produção de texto; aspectos como o contexto de produção, a circulação e a recepção dos enunciados passaram a ter maior relevância no uso da língua, ou seja, legitimou-se a influência dos fatores internos e externos à língua sobre a linguagem.

Os estudos linguísticos avançaram e houve um destaque maior em relação aos gêneros no cenário educacional. Junto a esse desenvolvimento nos estudos dessa teoria, temos à disposição uma vasta bibliografia acerca da noção de gênero, principalmente os pressupostos teóricos de Bakhtin, um dos pioneiros a discutir e teorizar os gêneros discursivos. O autor defende que as circunstâncias comunicativas que os indivíduos vivenciam nas suas práticas sociais cotidianas estão diretamente relacionadas às suas práticas de leitura e escrita.

Estabelece, ainda, o conceito de dialogismo no qual declara que todo enunciado, inevitavelmente, perpassa por outros enunciados e que são, em sua totalidade, constituídos a partir de outros. Logo, essa atitude responsiva intrínseca à toda prática de linguagem, dão origem aos textos. Por esse ângulo, o falante acaba por configurar-se como um “respondente” haja vista que o seu dizer é permeado de outros dizeres. Assim:

O próprio locutor como tal é, em certo grau, um respondente, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores – emanantes dele mesmo ou do outro – aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados. (BAKHTIN, 1997, p. 29)

A produção do discurso se estabelece a partir de discursos previamente produzidos e por essa razão não se constrói arbitrariamente. O enunciado abrange todo o conjunto de enunciados que o originaram, “está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal” (BAKHTIN, 1997, p. 316). Funcionando, assim, como uma conexão de uma cadeia representativa da comunicação verbal de uma esfera específica. Bakhtin (1997, p. 279) compreende os gêneros discursivos a partir de uma perspectiva discursiva-interacionista, defendendo assim o caráter social de que as práticas de linguagem são dotadas e concebendo o enunciado como resultante da interação social. Segundo o autor (1997, p. 279) “Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”.

Partindo dessa concepção, os gêneros caracterizam-se como práticas sócio comunicativas construídas historicamente, influenciadas por eventos sociais e sujeitas às situações de comunicação. O gênero é determinado pela esfera discursiva efetivando-se na totalidade das atividades e situações comunicativas dos sujeitos falantes. Seguindo essa dialética, Bakhtin afirma que:

Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de

enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. (BAKHTIN, 1997, p. 284)

Os gêneros do discurso como tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados pelo conteúdo temático, estilo, construção composicional e influenciados pelas dimensões sociais, históricas e temporais da esfera social, surgem dos usos sociais.

Bakhtin (1997) assinala que as pesquisas acerca dos gêneros viraram uma espécie de modismo, porém numa concepção diversa da defendida por Aristóteles, extensivamente desenvolvida na Idade Média, a qual compreendia três gêneros do discurso retórico: o discurso deliberativo, o judiciário e o epidítico. Marcuschi (2008) assevera o crescimento no interesse pela teoria dos gêneros e observa, ainda, a presença dessas reflexões nos estudos das mais distintas áreas conferindo aos mesmos um caráter pluridisciplinar. Fala da importância do uso do texto para o ensino da língua que já é unanimidade entre os linguistas, assim como apresenta-se como orientação essencial dos PCN. No entanto, faz uma crítica à aplicação dessa teoria no contexto escolar quando o enfoque é dado somente aos elementos linguísticos gramaticais, lexicais e formais em detrimento da natureza discursiva.

Muito mais relevante para se definir os gêneros são as funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que suas particularidades linguísticas e formais. Torna-se pertinente que os textos materializam discursos concretos, que nascem da interação com outrem através de enunciações e não por palavras e frases desconectadas de um contexto situacional. Nessa perspectiva, a escola configura-se como o local apropriado para validar as circunstâncias de produção e recepção de textos. Em consonância a isso, Marcuschi ressalta que:

O texto acha-se construído na perspectiva da enunciação. E os processos enunciativos não são simples nem obedecem a regras fixas. Na visão que aqui se está propondo, denominada sociointerativa, um dos aspectos centrais no processo interlocutivo é a relação dos indivíduos entre si e com a situação discursiva. Estes aspectos vão exigir dos falantes e escritores que se preocupem em articular conjuntamente seus textos ou então que tenham em mente seus interlocutores quando escrevem. (MARCUSCHI, 2008, p. 77)

Relevante salientar que a produção discursiva não se estabelece sob a visão de que a comunicação linguística estaria ligada a unidades menores tais como fonemas, palavras ou frases aleatórias e sim a partir de unidades maiores, no caso os

textos. A natureza enunciativa do texto ultrapassa, por sua vez, o plano da frase formando uma unidade de sentido. Levando em consideração a atuação do texto em situações reais e cotidianas, este “é a unidade de funcionamento da língua” (MARCUSCHI, 2008, p.88) e que confere legitimidade ao caráter de língua em funcionamento de que o texto é dotado. Com a publicação dos PCN e a consequente expansão dos estudos acerca dos gêneros textuais tornou o trabalho com o texto no âmbito escolar mais significativo

Segundo Marcuschi (2008, p.161) “Toda e qualquer atividade discursiva se dá em algum gênero”. O trabalho com os gêneros textuais possibilita lidar com a língua nas mais diferentes circunstâncias comunicativas diárias. Marcuschi afirma:

A vivência cultural humana está sempre envolta em linguagem, e todos os nossos textos situam-se nessas vivências estabilizadas em gêneros. Nesse contexto, é central a ideia de que a língua é uma *atividade sociointerativa* de caráter cognitivo, sistemático e instauradora de ordens diversas na sociedade. (MARCUSCHI, 2008, p. 163)

A linguagem se materializa nas diversas situações discursivas que envolvem o falante em seu cotidiano e não através de meios imateriais abstratos como palavras ou frases aleatórias. Assim, ao integrar a rotina de interação dos indivíduos é também afetada pela sociedade a qual integra. Bazerman (2006a), em relação aos gêneros, enfatiza que o enfoque social para análise de gêneros textuais tem seus estudos voltados para a dinâmica social da escrita. Lança mão dos conceitos de fatos sociais, atos de fala, gêneros, sistemas de gêneros e sistemas de atividades com o intuito de explicar de que forma o texto permeia nossas atividades na sociedade. Segundo o autor “os textos organizam atividades e pessoas [...] como as pessoas criam novas realidades de significação, relações e conhecimento, fazendo uso de textos” (BAZERMAN, 2006a, p. 19). Compreender esses conceitos seria relevante haja vista a importância dos seus estudos acerca dos gêneros. Nesse sentido, Bazerman explica:

Cada texto bem sucedido cria para seus leitores um *fato social*. Os fatos sociais consistem em ações sociais significativas realizadas pela linguagem, ou *atos de fala*. Esses atos são realizados através de formas textuais padronizadas, típicas e, portanto, inteligíveis, ou *gêneros*, que estão relacionadas a outros textos e gêneros que ocorrem em circunstâncias relacionadas. Juntos, os vários tipos de

textos se acomodam em *conjuntos de gêneros dentro de sistemas de gêneros*, os quais fazem parte dos *sistemas de atividades humanas* (BAZERMAN, 2006a, p.22).

Cada texto exitoso dá origem a um fato social que se configura como uma ação social significativa realizada pelos atos de fala, que se dão através de formas tipificadas, os gêneros, cuja relação com outros textos e gêneros se estabelece em circunstâncias afins. Assim como afirma Bazerman, a junção dos vários tipos de textos origina um conjunto de gêneros, isto é, “a coleção de tipos de textos que uma pessoa num determinado papel tende a produzir, acomodado em sistemas de gêneros que compreende os diversos conjuntos de gêneros” (2006a, p. 32) usados em sociedade assim como as relações uniformes estabelecidas na produção, circulação e uso desses registros que são inerentes às atividades humanas. Dessa maneira, concebemos os gêneros como formas tipificadas, organizadas em sistemas hierárquicos.

Ao tomarmos a escrita como uma prática social reconhecemos o entendimento dos gêneros como formas de vida e não apenas como formas textualmente expressas. Desse modo, “os gêneros tipificam muitas coisas além da forma textual. São parte do modo como os seres humanos dão formas às atividades sociais” (BAZERMAN, 2006b, p. 31). Logo, os gêneros tipificam não somente as formas linguísticas, mas também as ações sociais. A respeito do conceito de gêneros, Bazerman ressalta que:

Gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São *frames* para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não-familiar. (BAZERMAN, 2006b, p. 23)

Assim, os gêneros se configuram como produtos culturais de dada comunidade discursiva exercendo papéis sociais particulares com formas e estilos peculiares. Entendemos assim que o alcance da competência discursiva se dá através da interação verbal no contexto das práticas sociais intermediado pelos gêneros. Dentro dessa perspectiva os gêneros configurados como padrões comunicativos capazes de proporcionar a interação social se convertem num espaço

Neste próximo tópico, discorreremos sobre o gênero textual da nossa pesquisa: Memórias literárias.

2.3 MEMÓRIAS LITERÁRIAS: UM GÊNERO CONFSSIONAL

A escola exerce papel essencial no contato e na ampliação da convivência dos alunos com os gêneros textuais, inclusive os literários. Desse modo a leitura em sala de aula pressupõe o estudo desses gêneros. De maneira geral, a educação literária tem como objetivo desenvolver no leitor a sensibilidade para o texto por meio do desenvolvimento sensorial, emotivo e também reflexivo. Dentre os gêneros literários enfatizamos os gêneros confessionais como escolha, particularmente o gênero memórias literárias.

A literatura confessional nasceu da aspiração do homem de registrar suas experiências pessoais, ou seja, de registrar por escrito suas façanhas, sentimentos e vivências. Com o surgimento do movimento burguês no século XX e com a conscientização pelo homem da sua relevância social e do estabelecimento primordial de sua individualidade os gêneros intimistas ganharam força. Embora seu início tenha sido tardio, a procura por esse tipo gênero atualmente é crescente.

Os gêneros confessionais foram por muito tempo considerados como menores julgados a partir de uma visão simplista que os consideravam como formas de “não-ficção” por conta dos vestígios autobiográficos apresentados. Sendo por isso afastados do cânone literário. (MACIEL, 2004, p. 75). A autora aponta ainda que o gênero épico, embora tenha sido rebatizado de narrativo com o surgimento e desenvolvimento da forma do romance nos últimos séculos, as “várias formas literárias dotadas de estatuto próprio ganharam uma identidade e uma história que incluem uma série de obras ditas canônicas.” (MACIEL, 2009 p. 44). Entre as quais estão o romance, o conto e a novela, assim como o diário, as memórias e a autobiografia habitualmente apontadas como sendo gêneros confessionais, embora figurem no gênero narrativo por apresentar os mesmos elementos como, por exemplo narrador, personagem, tempo, espaço e enredo.

Os gêneros confessionais contam histórias de um narrador em primeira pessoa. A voz do narrador que conta fatos de dentro da narrativa e se apresenta com o mesmo nome do autor, ou sem nome, ou por um apelido que o represente, costuma

ser recebida como voz testemunhal, ligada aos preceitos históricos. Se o narrador é sempre ficcional, no entanto, não há motivos para apartar, do fazer literário, as formas escritas como confissão ou desvelamento. (MACIEL, 2009, p. 44)

Assim os gêneros confessionais, embora narrativos por suas especificidades, tornam-se literários ao passo que deixam de ser simples relatos de comunicação direta e assumem um caráter simbólico no processo de trabalho com a linguagem.

[...] não há literatura que não contenha elementos da realidade, assim como a chamada literatura intimista ou confessional não está isenta de desvios da linguagem, posto que é impossível transpor qualquer realidade fielmente retratada para a página escrita. Os gêneros confessionais, portanto, são, como qualquer discurso uma produção humana entrecortada de ficção. (MACIEL, 2004, p. 75)

Portanto, é indiscutível o caráter ficcional presente nos textos intimistas, dentre eles o nosso objeto de estudo o gênero memórias literárias. Diante do trabalho que nos propomos, que é trabalhar com memórias literárias, é necessário que conheçamos o gênero em questão, no sentido de auxiliar no desafio da produção de textos memorialísticos a partir do texto oral (entrevista). As memórias literárias fazem parte dos gêneros confessionais pois, são textos que aludem ao passado fazendo uso de lembranças particulares ou de terceiros, os quais ganham vida através da escrita desses autores que lhe conferem um caráter literário ao fazer uso de uma linguagem carregada de imagens e sentidos. De acordo com Clara (et al., 2010) no caderno orientador da OLPEF:

Memórias literárias geralmente são textos produzidos por escritores que, ao rememorar, integram ao vivido o imaginado. Para tanto, recorrem a figuras de linguagem, escolhem cuidadosamente as palavras que vão utilizar, orientados por critérios estéticos que atribuem ao texto ritmo e conduzem o leitor por cenários e situações reais ou imaginárias (CLARA et al., 2010, p. 19).

Assim, as memórias literárias podem ser escritas em primeira pessoa ou ainda em terceira pessoa a partir das lembranças da própria vida do autor ou de outra pessoa. É, portanto, uma escritura que torna possível uma visão do passado. A OLPEF 2016 tem como objetivo melhorar essas práticas de escrita, dentre os gêneros

trabalhados pela Olimpíada estão os poemas, as crônicas, o artigo de opinião e as memórias literárias, que são objeto da nossa pesquisa.

O Programa Escrevendo o futuro foi criado em 2002 mobilizando professores por meio de um concurso de produção de textos, passando em 2008 a ser uma política pública fazendo parte do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), sendo intitulada Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. A OLPEF acontece de dois em dois anos sendo que nos anos ímpares ocorre a formação para os professores com a distribuição da revista Na ponta do lápis, bem como os materiais oferecidos virtualmente. Nos anos pares ocorre o concurso que premia os melhores textos de cada gênero. A produção dos textos acontece por meio de sequências didáticas trabalhadas em oficinas, orientadas pelo Caderno “Se bem me lembro...”. No caso das memórias literárias são trabalhadas 16 oficinas nas quais o professor investiga o conhecimento prévio do aluno, explorando o gênero através da promoção da leitura, análise e produção de textos.

O texto de memórias literárias, gênero trabalhado na OLPEF, parte de histórias vivenciadas por antigos moradores de uma determinada localidade. As lembranças desses moradores mais experientes são ponto de partida para a construção dos textos memorialísticos. Os alunos têm a oportunidade de relacionar as informações referentes a tempo, costumes, ambientes narrados pelos entrevistados ao ambiente e tempo em que vivem favorecidos pelo estudo do gênero e a familiarização com características e peculiaridades do mesmo.

2.3.1 O trabalho com memórias literárias a partir da sequência didática

O trabalho com as memórias literárias desenvolvido na OLPEF é conduzido através de um procedimento denominado sequência didática. Para Dolz (2010, p. 82) “uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Assim como afirmam Schneuwly e Dolz (2010, p. 83, grifo do autor), as sequências didáticas têm a finalidade “de ajudar o aluno a dominar melhor *um* gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação”. Elas se configuram como uma ferramenta primordial para nortear o trabalho com a produção do gênero discursivo por facilitar a compreensão da aprendizagem da escrita.

A seqüência didática tem como ponto de partida aquilo que os alunos já sabem e/ou o que desconhecem do gênero em questão para nortear os módulos seguintes voltando a aprendizagem às capacidades reais dos alunos, não sendo, portanto, apenas um manual de orientações para a produção de textos. Nesse sentido, o professor deve levar em consideração a heterogeneidade dos alunos bem como o ritmo da aprendizagem de cada um. Dolz et al. (2010) alertam ainda para a escolha do gênero, que segundo estes devem ser algo que o aluno ainda não domine ou o faça de maneira insuficiente. A proposta da Olimpíada comunga com o pensamento dos autores ao trazer o gênero memórias literárias para ser trabalhado com alunos do 7º e 8º anos, do ensino fundamental, visto que é um gênero desconhecido ou pouco conhecido entre eles. De acordo com Dolz et al. (2010), para organizarmos uma seqüência didática devemos obedecer a um esquema conforme o que se demonstra a seguir.

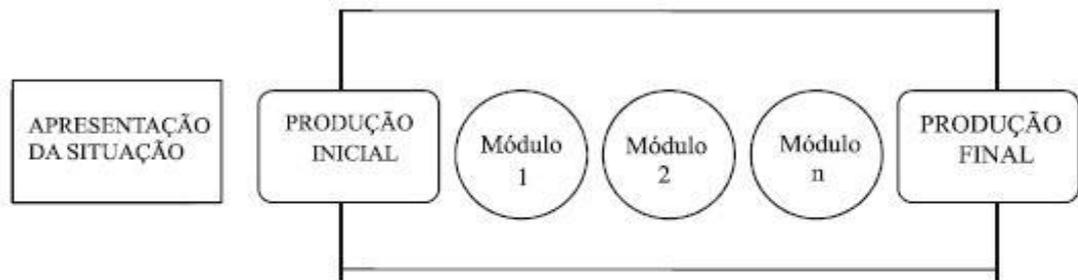


FIGURA 1 - Esquema da seqüência didática (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 98)

Trata-se de um processo realizado em etapas: Na primeira etapa acontece a apresentação da situação, na qual o professor apresenta ao aluno o gênero, oral ou escrito, assim como os objetivos no que se refere à situação de comunicação. Na segunda etapa, os alunos farão a primeira produção ancorados pelos conhecimentos que já tinham e pela primeira conversa com o professor, onde foram apresentados ao gênero. Essa primeira tentativa de produção faz com que os alunos se conscientizem sobre aquilo que dominam do gênero e quais as dificuldades encontradas. A partir da análise dessa primeira produção, o professor terá possibilidade de elaborar os módulos com o intuito de sanar as dificuldades apresentadas pelos alunos em seus textos, assim como, proporcionar um leque de possibilidades comunicativas para a turma. Na terceira etapa, os módulos, elaborados a partir das dificuldades dos alunos, são postos em prática. Tornando-se necessário por parte do professor uma

diversificação das atividades propostas com o objetivo de alcançar a melhoria de todos os textos, respeitando o nível de cada educando. Na quarta etapa, o aluno fará a escrita final. Depois de passar por todos os módulos elaborados pelo professor espera-se que o aluno seja capaz de produzir o texto atendendo às especificidades do gênero e da situação comunicativa.

Como o esquema de sequência didática proposto por Dolz et al. (2004) foi elaborado para o ensino de gêneros no ensino fundamental, na França, seria necessário, segundo estudiosos, uma adaptação desse esquema para a nossa realidade brasileira. Foi o que fizeram as pesquisadoras Costa-Hübes e Simioni (2014) quando adaptaram o modelo genebrino para o nosso contexto brasileiro. Para tanto justificam:

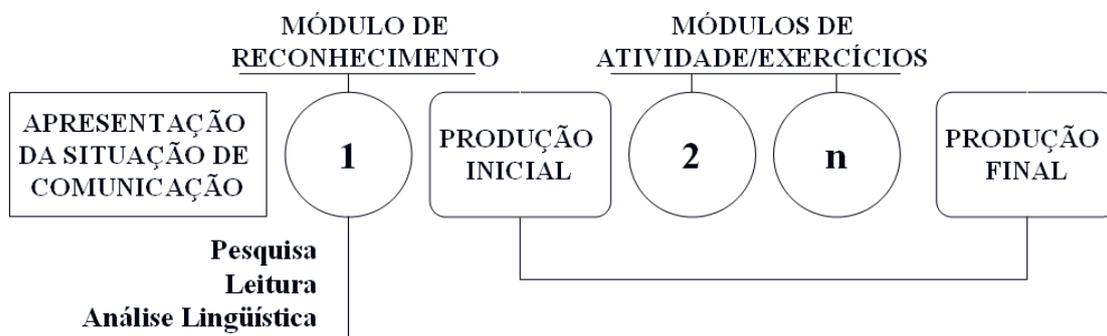
No sistema suíço, todos os anos de ensino, possuem uma grade curricular que contempla uma disciplina com aulas semanais específicas só para produção textual, para a qual essa metodologia foi planejada. Já no sistema brasileiro, isso não ocorre, pois temos uma única disciplina – Língua Portuguesa – para trabalhar com os eixos da oralidade, da leitura, da produção escrita, da análise linguística/reescrita de texto. E, quando se trata de alunos dos anos iniciais, a mesma professora deve dar conta, além dessa disciplina (com seus diferentes eixos de ensino), de várias outras áreas do conhecimento (Matemática, Ciências, História, Geografia, etc.). Portanto, são realidades distintas que influenciam significativamente nas escolhas metodológicas (COSTA-HÜBES E SIMIONI, 2014, p. 25).

O modelo de SD adotado pelas pesquisadoras diferente daquele adotado por Dolz, Schneuwly e Noverraz (2004) traz novidades: o acréscimo de duas etapas- o módulo de reconhecimento e a circulação do gênero, como podemos observar a seguir:

Proposta de SQ com GT – Dolz, Noverraz e Scheneuwly (2004)



Adaptação da SQ com GT realizada por Costa-Hübes (2007; 2008)



A primeira mudança vem antes da etapa da produção inicial, é o módulo de reconhecimento, que oportuniza aos alunos um contato primeiro com o gênero, seja através de pesquisas, leitura ou análise linguística. Para as pesquisadoras, a sugestão do grupo de Genebra de os alunos produzirem um texto de um gênero desconhecido “[...] sem fornecer-lhes maiores subsídios, pode ser uma tarefa para além de suas condições de execução (COSTA-HÜBES E SIMIONI, 2014, p. 27). A segunda mudança é a circulação do gênero que vem inserir o trabalho de produção dos alunos dentro de um contexto real de linguagem, sociointeracionista. Nosso processo de intervenção será baseado no conceito de sequência didática adotada por Costa-Hübes e Simioni (2014), embora utilizamos parte das oficinas ofertadas pela OLP que utilizam a SD aos moldes do grupo genebrino. Além disso, consideramos a realidade dos alunos, seus conhecimentos prévios e o que os fazem pertencente a localidade.

3 MEMÓRIA E IDENTIDADE

3.1 MEMÓRIA E IDENTIDADE

Para que possamos compreender satisfatoriamente os conceitos abordados em nossa pesquisa nos detemos em estudar e diferenciar os termos Memória e Memórias, que apesar de semelhantes têm características distintas. Utilizamos aqui a definição dicionarizada utilizada por Clara et al.(2010)

Memória é aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; lembrança, reminiscência. [...] Memórias: “relato que alguém faz, muitas vezes na forma de obra literária, a partir de acontecimentos históricos dos quais participou ou foi testemunha, ou que estão fundamentados em sua vida particular”. (CLARA et al., 2010, p.25)

As memórias literárias se configuram como um gênero textual narrativo que ecoa sobre o passado, pautando-se por recordações trazendo à tona reminiscências e fatos marcantes na vida do narrador. As memórias se baseiam em uma entrevista na qual a pessoa conta acontecimentos importantes de sua vida, seu lugar. Apresenta quase sempre narrador personagem, o qual relembra recordações passadas buscando na memória fatos marcantes ao longo de sua vivência e acrescenta a esses fatos aspectos e recursos do imaginário ficcional. Utiliza-se da ficção para preencher alguma lacuna que, por ventura, a memória não foi capaz de completar, utilizando para isso a linguagem conotativa com suas mais variadas possibilidades, empregando as figuras de linguagem para compor imagens e sensações dentro do texto. Dessa forma, transporta o leitor para uma outra época ao rememorar costumes, hábitos, festejos, tradição, lugares e pessoas. Vale a pena salientar que apenas as memórias que possuem um trabalho com a linguagem literária, própria da Literatura é que são consideradas literárias.

Por ser um gênero que se vale de fatos ocorridos no passado para ser escrito, o autor utiliza os verbos para marcar o tempo passado (essencialmente o pretérito perfeito e imperfeito). Outra característica do gênero é situar o leitor no tempo e no espaço em que ocorrem as lembranças, através das descrições, comparações fazendo uso de adjetivos e pronomes que são bastante importantes na construção do texto. A esse respeito Boeno (2013) acrescenta:

As reminiscências relatadas são baseadas em fatos reais com tons de ficção, pois toda Literatura é potencialmente autobiográfica criada a partir das experiências estéticas dos autores. O autor-criador pode ser heterodiegético, aquele que narra em terceira pessoa ou intradiegético do tipo autodiegético, aquele que narra a sua própria história; ou intradiegético do tipo homodiegético, aquele que narra a história de outra pessoa (BOENO, 2013, p. 43).

Assim, as recordações servem como ponto de partida para a escritura dos textos memorialísticos. Lima (2009, p. 22) apresenta o sentido etimológico da palavra “recordar” associando-o ao gênero memórias literárias:

[...] etimologicamente, ‘recordar’ vem de ‘re’ + ‘cordis’ (coração), significado literalmente, ‘trazer de novo ao coração algo que, devido à ação do tempo, tenha ficado esquecido em algum lugar da ‘memória’. Podemos dizer assim que, em linhas gerais, é exatamente essa a função de um texto do gênero memórias literárias.

Desse modo, a função do texto memorialístico é trazer ao presente fatos e lembranças que estavam esquecidos, recuperando o passado, as histórias de pessoas mais velhas e transmitindo-as às gerações mais jovens. Tomamos contato com nossa própria memória quando lidamos com esses relatos de algo já vivido, entrelaçando presente e passado, através de histórias marcantes embasadas nas recordações que acabam por envolver o leitor, desvencilhando-o do presente e mergulhando no passado, reconstruindo-o através das imagens construídas no texto que trazem à tona fatos e acontecimentos que marcaram e foram determinantes para a construção da sociedade, de comunidades e pessoas, resgatando desse modo a identidade de um povo. A esse respeito Lima (2009, p. 22) assevera:

[...] é esse resgate das lembranças de pessoas mais velhas passadas continuamente às gerações mais novas, por meio de palavras e gestos, que liga os moradores de um lugar. O fato de entender que a história de alguém mais velho é nossa própria história desperta um sentimento de pertencer a determinado lugar e época e ajuda na percepção de um passado que foi realmente vivido e não está morto e enterrado. [...]

O resgate desse sentimento de pertencimento abordado pelo autor, e mais ainda, a importância do idoso para a manutenção da história de sua comunidade são características importantíssimas que o gênero memórias faz ressurgir às gerações

mais jovens. Mais do que saber sobre o passado, o encontro dessas gerações através dessas entrevistas e do texto os faz entender o quanto seu presente foi influenciado pelo que outros já viveram.

Podemos afirmar que o gênero memórias literárias se insere na esfera literária em oposição ao texto utilitário que tem como objetivo informar, explicar de forma mais fidedigna possível. O autor de memórias narra os fatos representando a realidade através de sua visão pessoal, acrescentando e até mesmo suprimindo detalhes sem se preocupar em retratar os fatos de maneira fiel, configurando então o seu caráter literário, ficcional. Essa característica o diferencia de outros gêneros que também tem como ponto de partida experiências vividas ou narradas pelo autor como é o caso da autobiografia, do diário e do relato histórico.

O trabalho com o gênero memória literária na OLPEF procura trazer ao presente histórias de pessoas mais velhas da comunidade, fatos referentes ao lugar em que vivem através da escrita dos alunos e também moradores desse lugar. Ao trabalhar a partir das memórias, fatos e acontecimentos de uma época levando em consideração aspectos linguísticos, históricos, culturais e sociais faz com que a competência comunicativa dos alunos seja ampliada.

Dessa forma cada aluno contará sua narrativa de forma particular, trazendo ao texto marcas ficcionais através de seu olhar sobre a história do outro. Para Bosi (1994 p. 22) o passado atua de forma não homogênea no presente. Sendo assim, as memórias produzidas pelos alunos são “vozes alheias” entrelaçadas com as deles próprios para materializar em forma de texto as sensações e emoções vivenciadas nas histórias contadas pelos entrevistados.

Dessa forma, compreendemos que o gênero memórias literárias dá voz e vez às histórias guardadas no íntimo da memória de cada um dos entrevistados, autorizando a esses alunos tornar real, na forma de um texto suas lembranças e emoções o que traz à tona diversas vozes que compõem a história e a identidade de um povo.

No que diz respeito à memória, sabemos que esta executa uma função biológica e psíquica mental, sendo responsável por preservar, manter e armazenar informações, apresentando dessa forma um caráter mais funcional. Assim como reitera Boeno (2013, p. 54), “a *memória* opera na consciência, signo que externa experiências singulares, traços identitários, individuais, coletivos, sociais e culturais”.

A efemeridade da vida e do ser humano é evidenciada de forma clara pela inconstância de nossa memória. Comprimido pelas atividades cotidianas e incessantes do ciclo de sobrevivência, o homem acaba por perder seu patrimônio econômico, afetivo e cultural seja pelo desinteresse afetivo seja pelo extravio de ideias e lembranças.

Nesse contexto, onde a memória se fragmenta, aquilo que é memorável, se não apresenta conotações afetivas tem grande chance de ser esquecido. Bosi (1994) traz em seu livro *Memória e sociedade: lembrança de velhos* o conceito de memória-hábito que ocorre pelas necessidades e exigências sociais e que pelo exercício da repetição torna-se um hábito. “A memória- hábito faz parte de todo o nosso adestramento cultural.” (BOSI, 1994, p. 49). Em contraposição apresenta a lembrança pura que vem à tona não por um processo mecânico, mas de rememoração, “traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível da vida (BOSI, 1994, p. 49). Entendemos que essa “lembrança pura” serve como pano de fundo para as narrativas que compõem as memórias literárias. A memória tem uma ligação íntima com a esfera narrativa. Identificada desde as narrativas orais gregas, que imortalizaram as histórias dos grandes feitos e de seus heróis, até uma simples descrição de um acontecimento. A partir do estímulo da memória torna-se possível que a ideologia revelada sobre ela seja reconstruída, e em consequência também sua identidade.

Feita essa diferenciação dos termos, tão necessária ao andamento da pesquisa, podemos ter uma visão mais ampla para melhor lidar com o gênero na sala de aula. Importante ressaltar que a escola além de ser um espaço teórico e prático de aprendizagem para os jovens em formação é também responsável por fazer com que estes compreendam o seu papel dentro desse processo de ensino e aprendizagem e mais, que entendam a necessidade da atuação dentro de sua própria comunidade, conhecendo-a a partir de sua história e dos demais moradores do seu lugar, ajudando a preservar a memória do seu povo e as suas próprias, sendo assim possível encontrar o seu próprio destino e sua identidade.

Participamos de diferentes comunidades nas suas mais diversas esferas: família, religião, escola, trabalho e estas ao longo de nossa existência passam por mudanças. Assim, nossas experiências de aprendizagem, logo de constituição de identidades são representadas pela maneira como participamos dessas esferas cotidianas. Sobre a questão da identidade, Hall (2005) chama a atenção para

aspectos que no passado nos haviam municiado localizações concretas como indivíduos sociais, tais como classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade e acabaram por se fragmentar devido à ocorrência de transformações nas sociedades modernas no final do século XX. Atribui a estas transformações as mudanças que vem ocorrendo nas identidades pessoais e a oscilação do conceito que se tem de sujeitos integrados. Afirma ainda que:

[...] Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento- descentração dos indivíduos tanto de lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos- constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (HALL, 2005, p. 9)

Sendo a construção da identidade um processo contínuo, e que se processa ao longo do tempo, as situações conflitantes são comuns o que acaba gerando “crises de identidade”, como pontua Hall (2005) ao afirmar que os quadros de referência que anteriormente tinham nos proporcionado condutas seguras tornaram-se instáveis, fragmentando-se. Hall aponta que esta crise de identidade, uma vez instalada acaba por gerar um sujeito fragmentado, uma vez que aquilo que anteriormente estava centrado e estável não o está mais. Chamando-o, assim, de sujeito pós-moderno, o qual não possui uma identidade essencial e definitiva. Assim, a identidade converte-se numa “celebração móvel” construída e reconstruída de forma contínua a partir da forma pelas quais somos questionados nos sistemas culturais que nos circundam. (HALL, 2005, p. 12-13)

Dessa maneira, concebemos que é na interação com o outro que se dá a construção da identidade do sujeito, na qual a identidade se configura como um eixo interligando o eu interior com o exterior. Hall (2005) aborda o conceito de identidade social, no qual o sujeito se constrói sócio - culturalmente, e que embora individual, diversas identidades assumidas e reveladas nas interações em sociedade se manifestam. Segundo o autor, somos seres incompletos e que por essas lacunas procuramos no outro a completude num processo contínuo e heterogêneo. Bauman (2005) explica outro aspecto interessante no que diz respeito à construção e à representação de uma identidade. Segundo o autor:

[...] Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para

toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo, os caminhos que percorre, a maneira como age - e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de ter uma identidade não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada (BAUMAN, 2005, p. 17-18).

O pertencimento e a identidade não carregam em si uma certeza absoluta, mas dependem de transformações contínuas. As identidades se movimentam constantemente de acordo com diversas fontes, disponibilizadas através da sua própria escolha do indivíduo ou de terceiros. Esse fenômeno se consolida pelo fato de o homem ocupar um papel central como indivíduo biologicamente experiente, capaz, portador de cultura e ter uma forte ligação com outros indivíduos através da ação e do sentimento coletivo. Desse modo, a identidade é consequência de uma construção social e integra a obscuridade da diversidade dos grupos.

Dessa forma, fica perceptível que a identidade social se constrói na relação estabelecida entre o indivíduo e a sociedade da qual faz parte, seja a partir das expectativas estabelecidas pelos grupos que integra ou em oposição a outras identidades.

3.2 MEMÓRIA(S), HISTÓRIA E LITERATURA

Nossas relações sociais estão intimamente mediadas por três elementos que são por natureza indissociáveis: a memória, a história e a literatura. Diante da conexão entre esses elementos achamos necessário e relevante trazê-los à discussão.

Ao tratar sobre memória, reportamos-nos ao fato de que necessitamos refletir sobre nossas experiências passadas para entender os fatos que nos fazem ser o que somos no presente e nos reconhecer como agentes da nossa história individual, mas também coletiva. Ao tomar consciência de nós e do outro, conseguimos perceber como essas relações nos proporcionam a construção de uma identidade tanto individual quanto coletiva.

Desse modo, a memória exerce importante função na construção/representação da identidade. A história de vida particular de cada indivíduo atua diretamente na construção da memória “coletiva” da sociedade na qual está inserido,

sendo, portanto, uma representação social. A memória, assim, aparece como garantia de nossa identidade e conseqüentemente da identidade de um grupo visto que a edificação da memória coletiva não pode atuar em prejuízo da história particular de cada indivíduo.

De acordo com Pollack (1992) a nossa memória seleciona e transmite aquilo que é relevante acerca da cultura local herdada, sendo, portanto, a memória social um fenômeno coletivo que se constrói através de aspectos comuns entre os sujeitos e, por conseguinte, do conhecimento dos fatos já vivenciados socialmente. A memória nos apresenta aquilo que é relevante, tendo em vista que há uma seleção natural de fatos e lugares e pessoas que nos marcam de tal forma que ficam impressos na nossa memória. Cada época transmite aos seus sujeitos o que lhes é importante. É notório, desse modo, que o que caracteriza a memória coletiva são os elementos sentimentais dentre eles sentimentos de pertença e identidade. Quando retoma o passado através de sua memória o homem não o faz de forma solitária visto que necessita de pontos de referência que estão ancorados no outro pois não vivemos isolados, somos seres essencialmente sociais. Constituímo-nos e nos identificamos através dessa convivência com o outro onde construímos nossa memória.

Corroborando com o exposto, Halbwachs (2004) afirma que as lembranças do outro, e não somente as nossas, apoiam as nossas impressões. O fato de ter um outro olhar sobre o mesmo fato no passado acaba por dar maior credibilidade ao mesmo, dando maior importância às lembranças pelo valor coletivo atribuído. Assim, ele nos afirma que:

[...] para melhor me recordar, eu me volto para elas, adoto momentaneamente seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois sofro ainda seu impulso, e encontro em mim muitas de suas ideias e modos de pensar a que não teria chegado sozinho, e através dos quais permaneço em contato com elas (HALBWACHS, 2004, p. 31).

Logo, a memória individual está intimamente ligada à memória coletiva, visto que as lembranças se constituem dentro de um grupo. As referências e lembranças próprias do grupo originam a memória individual, assim como afirma Halbwachs (2004, p. 76-78) são tomadas como um “ponto de vista sobre a memória coletiva”. Desse modo, a memória individual não está desarticulada da memória coletiva, antes se apoia nesta que se configura como o lugar onde os elementos identitários circulam.

Para Le Goff (1992, p. 476) “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades”. Sendo ela fundamental, torna-se necessário que esta seja valorizada e preservada. Diante do imediatismo tão presente na nossa sociedade capitalista, percebemos que essa valorização ainda engatinha, embora já vislumbremos avanços.

A memória e seus estudos não são um campo exclusivo da história, visto que a literatura também se utiliza para relevantes pesquisas. Citamos aqui o livro de Ecléa Bosi (1994), *Memória e sociedade: lembrança de velhos*, considerado um clássico das ciências humanas. Uma obra que se destaca nas ciências humanas, ultrapassando a linha da perspectiva da psicologia social. A obra nos proporciona, a partir de entrevistas com oito pessoas idosas, o contato com a história de São Paulo a partir do olhar desses sujeitos, maiores de 70 anos, que povoaram essa cidade desde a sua infância. Desse modo, a recriação do passado a partir da memória social desses entrevistados traz algo que não encontramos nos livros históricos: revisitar a história pela versão de quem viveu e testemunhou aquela época, aquele tempo. Nesse sentido, os alunos passam a compreender e respeitar as vivências do idoso como peça fundamental dentro da sociedade e como suporte material da memória, é conceber que sem os mesmos, as histórias dessa mesma sociedade seriam relegadas ao esquecimento.

A literatura mantém uma ligação íntima com a sociedade na medida em que toma por base a realidade, misturando acontecimentos históricos e sociais às narrativas ficcionais através do processo literário e inventivo criando assim novos fatos ancorados na imaginação. No caso das memórias literárias, estas são fruto do exercício de rememorar o passado e trazê-lo à tona no presente, mas com uma nova “roupa” tecida pelos fios da imaginação. Para Boeno

Essas narrativas têm como ponto de partida as experiências e vivências estéticas vividas pelo autor, as quais são narradas a partir da produção dessas lembranças realizada no ato criativo. Por isso as memórias ou reminiscências passam por uma releitura, uma ressignificação no processo de escritura literária. (BOENO, 2013, p. 42).

Sendo assim, no processo de “escritura literária” vão sendo incorporados os elementos caracterizadores do texto literário: uso das figuras de linguagem, a escolha

das palavras e o trato com a linguagem que produzem os diferentes efeitos de sentido e as várias possibilidades ao texto. No que concerne à relação entre história e literatura, MARTINS (2008) afirma que:

conhecimento histórico e a literatura, também, se relacionam com as memórias, tanto individuais quanto coletivas. Para a história, as memórias lhe servem como material e objeto de estudo, baseando-se em procedimentos científicos específicos (Le Goff, 1996); já no segundo caso, o diálogo é mais sutil, uma vez que para ele não existem regras determinadas, mas nem por isso de forma menos intencional que a primeira. Ambas dialogam com as memórias, conservando-as, produzindo-as, ou ainda, negligenciando-as. Portanto, tanto a história quanto a literatura contribuem para a reflexão sobre o passado, para a cultura histórica (MARTINS, 2008, p. 65).

Dessa maneira, ao estabelecermos uma aproximação entre história, memória e literatura tornamos possível aos nossos jovens reconhecer sua importância frente a cada um desses elementos e indo mais além que compreendam que as ações dos seus antepassados dizem muito sobre quem eles são no presente.

Portanto, é imprescindível para o crescimento de uma sociedade a valorização de sua história, das memórias de seu povo e da produção artística e cultural, sobretudo numa sociedade que supervaloriza fatos e acontecimentos momentâneos.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

4.1 QUESTÕES GERAIS DA PESQUISA: MÉTODOS, ABORDAGEM E PROCEDIMENTOS

Os procedimentos metodológicos adotados para a coleta de dados se caracterizam por uma abordagem qualitativa, pois tem como objetivo principal interpretar o fenômeno no contexto em que ocorre. Esse tipo de pesquisa caracteriza-se por uma intensa e prolongada observação de um ambiente, o registro dos eventos ocorridos nesse ambiente no decorrer da pesquisa e a descrição, interpretação e análise dos dados colhidos. Nesse sentido, o pesquisador tem participação efetiva, necessitando, para tanto, observar a situação mais de perto, deslocando-se para a escola e intervindo na sala de aula. De acordo com Chizzotti:

A pesquisa qualitativa recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e, enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles. (CHIZZOTTI, 2008, p. 28)

A pesquisa qualitativa pressupõe o estudo e análise das práticas em seu ambiente natural, no nosso caso, a sala de aula, mantendo uma relação direta com os sujeitos da nossa pesquisa. Nessa perspectiva, o pesquisador adota o ambiente escolar como objeto de pesquisa. “A preocupação de quem adota essa abordagem é com a descrição e apresentação da realidade tal como é em sua essência, sem o propósito de introduzir informações substanciais nela” (GRESSLER, 2007, p. 43).

Dentre as várias contribuições da pesquisa qualitativa, destacamos a competência em compreender os fenômenos referentes ao âmbito escolar, tendo em vista que revela as peculiaridades do cotidiano escolar.

Com base nos objetivos, nossa pesquisa se classifica como pesquisa descritiva, pois tem como objetivo observar, registrar, descrever e analisar as características de uma população, fenômeno ou processo. Sobre esse tipo de pesquisa, Gressler esclarece:

A pesquisa descritiva é usada para descrever fenômenos existentes, situações presentes e eventos, identificar problemas e justificar condições, comparar e avaliar o que os outros estão desenvolvendo em situações e problemas similares, visando aclarar situações para futuros planos e decisões. Não procura, necessariamente, explicar relações ou testar hipóteses provando causa e efeito. (GRESSLER, 2007, p. 59)

Em relação às técnicas e instrumentos de coleta caracteriza-se como pesquisa interventiva, tendo em vista que se faz necessária uma intervenção na sala de aula para a obtenção de parte do nosso corpus. Segundo Rocha (2016, p. 66) “A pesquisa-intervenção consiste em uma tendência das pesquisas participativas que busca investigar a vida de coletividades na sua diversidade qualitativa, assumindo uma intervenção de caráter socioanalítico.”

Nesse sentido, procura acompanhar as práticas no seu cotidiano e propõe uma ação interventiva que modifica a realidade sócio-política. Consoante a isso, Rocha (2016, p. 71) ainda ressalta “Na pesquisa-intervenção, não visamos à mudança imediata da ação instituída, pois a mudança é consequência da produção de uma outra relação entre teoria e prática, assim como entre sujeito e objeto”. Sobre a relação entre pesquisador e objeto pesquisado a autora salienta sua dinamicidade e o seu poder de determinar os próprios caminhos da pesquisa (ROCHA, 2016, p. 72).

A presente pesquisa busca trabalhar a literatura no espaço da sala de aula por meio do trabalho com as memórias literárias, propiciando novos espaços ao texto literário. Escolhemos o texto memorialista tendo em vista que o nosso aluno se encontra imerso nessa temática desde o seio familiar, onde acompanha através das histórias narradas pelos mais velhos acontecimentos inerentes a sua identidade local e coletiva assim como ao lugar do qual faz parte.

Nossa intervenção consistiu na aplicação de dois questionários (o primeiro no início da pesquisa e o último após a escrita dos textos) e a aplicação de uma sequência didática envolvendo textos memorialísticos que culminou com as produções textuais dos alunos com o gênero memórias, solicitadas a partir de entrevistas realizadas por estes com moradores antigos de sua localidade. Nosso intento foi averiguar se estes conseguiram apresentar um novo olhar sobre o texto literário a partir das leituras de textos memorialistas, se relacionaram a literatura às histórias colhidas e recontadas por eles na interação com os seus entrevistados e se, de fato, houve um fortalecimento no ensino de literatura nessa sala de aula

4.2 O LOCUS

A cidade escolhida para o andamento da nossa pesquisa é a cidade de Belém de Brejo do Cruz, localizada na Paraíba, cidade na qual se dá a nossa prática docente, há oito anos. Acreditamos que o professor precisa estar sempre em busca de melhorias na sua prática para assim enfrentar as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos. Pensando nisso, optamos por desenvolver a nossa intervenção, requisito do Profletras, na cidade e escola na qual atuamos.

Nesse contexto, o nosso *locus* de pesquisa é a Escola Municipal Manuel Viana dos Santos na cidade de Belém do Brejo do Cruz – PB. A escola abriga 738 alunos nos seguintes segmentos: Ensino Fundamental I (9 turmas), Ensino Fundamental II (11 turmas), EJA (6 turmas), além do Programa Mais Educação (Ensino Integral) com 128 alunos. A maioria dos alunos é de classe social considerada de baixa renda, oriundos da zona urbana.

4.3 OS SUJEITOS

Escolhemos para o desenvolvimento da pesquisa os alunos do 9º ano do turno da manhã, que é formado por 38 alunos. Optamos por essa turma por fazerem parte do último ano do ciclo do ensino fundamental para assim termos um mapa do espaço destinado ao ensino de literatura e quais concepções foram estudadas por eles no fundamental II.

4.4 DELIMITAÇÃO DO CORPUS

Nosso *corpus* é constituído de 4 textos (coletados ao final da intervenção) produzidos pelos alunos, com o gênero memórias, baseados em entrevistas realizadas por estes com moradores antigos de sua localidade. Utilizamos parte dos textos produzidos para a nossa análise tendo em vista a turma contar com o número de 38 alunos, uma quantidade relativamente grande, o que demandaria tempo em demasia e por entendermos que esse número será suficiente para suprir a nossa necessidade de pesquisa de forma satisfatória. Dessa forma, procedemos a escolha do *corpus* a partir dos seguintes critérios: (i) textos com maior e menor grau de traços ou características literárias, (ii) uso da linguagem literária e (iii) adequação ao gênero.

Utilizamos ainda dois questionários (o primeiro no início da pesquisa e o último após a escrita dos textos). O primeiro questionário tem como objetivo diagnosticar a relação dos alunos em relação à leitura de maneira geral, e à literária. Também procuramos entender que relação eles têm com o lugar onde vivem, se se identificam ou não com esse espaço. O segundo questionário procura desvendar se houve modificações depois da aplicação da sequência didática no que diz respeito à leitura literária, à identificação dos alunos com o lugar onde vivem e ao papel da literatura. Em virtude de nossos participantes de pesquisa serem menores de idade, é pertinente ressaltar que seus responsáveis assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido concordando com a análise e publicação, nessa pesquisa, dos referidos textos, como podemos atestar em anexo.

4.5 INTERVENÇÃO EM SALA DE AULA: REVISITANDO A LITERATURA ATRAVÉS DAS MEMÓRIAS LITERÁRIAS

Partindo da necessidade de revigorar o ensino de literatura de maneira geral, e de modo particular, no nosso cotidiano como professora de Língua Portuguesa, elaboramos uma proposta de intervenção com vistas a amenizar esse problema nessa dada situação. Para tanto, foram realizadas sequências didáticas que trabalharão o gênero discursivo memórias literárias em uma turma de 9º ano da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Manuel Viana dos Santos, na cidade de Belém de Brejo do Cruz/PB. Pretendemos assim, promover uma valorização da literatura através do trabalho com memórias literárias tomando como referência algumas oficinas (mais especificamente as oficinas 1, 2, 4, 5, 6, 8, 11, 12 e 16) sugeridas no caderno *Se bem me lembro...* da Olimpíada de Língua Portuguesa escrevendo o futuro (OLPEF) onde os alunos tiveram a oportunidade de recontar as memórias de antigos moradores de seu município, a partir de entrevistas. As inquietações que nos movem, procuram trabalhar a literatura em sala de aula utilizando o trabalho com textos memorialísticos para promover a valorização da literatura no ensino fundamental e redimensionar a identidade local dos alunos através das memórias dos moradores antigos do município de Belém do Brejo do Cruz.

Isso posto, apresentamos a seguir o processo de intervenção realizado através de sequência didática, na turma pesquisada. A sequência didática que utilizamos em nosso estudo foi ofertado pela Olimpíada de Língua Portuguesa aos professores

inscritos em cada edição e faz parte do Caderno do Professor: orientações para a produção de texto intitulado *Se bem me lembro*. Contudo, de acordo com os objetivos da pesquisa não utilizamos todas as oficinas disponíveis no caderno.

O caderno *Se bem me lembro*, que versa sobre o gênero memórias literárias é constituído de 152 páginas que apresentam a teoria sobre o gênero, informações sobre sequências didáticas além do planejamento de 16 oficinas ou módulos para se desenvolverem ao longo do processo de produção e reescrita do gênero em questão. Traz ainda os critérios de avaliação sobre o gênero.

Para melhor exemplificarmos o processo geral das oficinas, apresentamos um quadro-síntese com as mesmas.

Síntese das oficinas sugeridas pela OLP para a produção do gênero memórias literárias em 2012

OFICINAS	TÍTULO	PLANO LINGUÍSTICO
01	Naquele tempo...	Como objetos e imagens podem trazer lembranças de um tempo passado
02	Vamos combinar?	A situação de produção
03	Semelhantes, porém diferentes	Gêneros textuais que se assemelham
04	Primeiras linhas	Produção do primeiro texto de memórias literárias
05	Tecendo os fios da memória	O plano global e o foco narrativo
06	Lugares que moram na gente	Como o autor descreve fatos, sentimento e sensações nesse gênero de texto
07	Nem sempre foi assim	Comparação com o tempo antigo com o atual
08	Na memória de todos nós	Marcas linguísticas presentes em textos de memórias literárias
09	Marcas do passado	O uso do pretérito e palavras e expressões usadas para remeter ao passado
10	Ponto a ponto	Sinais de pontuação
11	A entrevista	Entrevistas para ampliar o conhecimento

12	Da entrevista ao texto de memórias literárias	Transformação de um texto de entrevista em fragmentos de memórias literárias
13	“Como num filme”	As vozes presentes num texto
14	Ensaio geral	Produção coletiva de um gênero
15	Agora é a sua vez	O texto final
16	Últimos retoques	Revisão e aprimoramento

A partir desse ponto, procuramos detalhar os objetivos das oficinas e as ações sugeridas que foram realizadas na turma em estudo. Como não está no mérito desta pesquisa a análise de procedimentos metodológicos da ação interventiva, e sim, o estudo dos benefícios que o trabalho com os textos memorialísticos podem trazer ao ensino da literatura e a valorização da identidade dos alunos a partir das lembranças de antigos moradores do seu lugar que poderão emergir dessa intervenção, limitamo-nos à descrição das oficinas por nós realizadas, conforme a sugestão do Caderno.

Antes de detalharmos a sequência didática a que nos propomos, apresentamos, nesse momento, o nosso plano de ações:

- Aplicação de questionários de pesquisa inicialmente a fim de diagnosticar a relação dos alunos em relação à leitura de maneira geral e à literária. Entender que relação eles têm com o lugar onde vivem, se há identificação ou não com esse espaço. Ao final, desvendar se houve modificações depois da aplicação da sequência didática no que diz respeito à leitura literária, à identificação dos alunos com o lugar onde vivem e ao papel da literatura.

- Apresentação do trecho do livro *Por parte de pai*, de Bartolomeu Campos Queirós;

- Discussão sobre a temática abordada, as impressões dos alunos, assim como as relações estabelecidas entre leitores e o texto.

- Discussão sobre os aspectos literários presentes no texto.

- Apresentação de diversos textos literários, em sala de aula, para que os alunos se familiarizem com as características dos mesmos, aproximando-os, tentando fomentar nos sujeitos uma relação mais prazerosa com o texto.

- Informação aos alunos quanto ao gênero escolhido, justificando essa escolha.

- Valorização da experiência das pessoas mais velhas, compreendendo o que é memória, percebendo como objetos e imagens podem trazer lembranças de um

tempo passado, observando que as memórias podem ser registradas oralmente e por escrito.

- Conhecimento da situação de comunicação de textos de memórias literárias.
- Produção do primeiro texto de memórias literárias;
- Exploração do plano global do texto de memórias literárias, observando o foco narrativo presente em boa parte desses textos;
- Percepção das diferentes características da descrição em textos de memórias literárias, observando o efeito provocado pela forma como o autor descreve fatos, sentimentos e sensações nesse gênero de texto;
- Análise de marcas linguísticas em textos de memórias literárias;
- Planejamento e realização de entrevistas com antigos moradores do lugar em que vivem;
- Socialização das entrevistas com os alunos, discutindo aspectos identitários presentes nos relatos dos moradores;
- Análise, juntamente com os alunos, sobre os procedimentos realizados para a transformação de um trecho de entrevista em fragmento de memórias literárias (retextualização);
- Produção do texto final de memórias literárias;
- Revisão e o aprimoramento do texto produzido na oficina anterior.
- Circulação do gênero desenvolvido.

Apresentamos a partir de agora a nossa intervenção de maneira mais detalhada.

4.5.1 Módulo 1: O primeiro contato

Foi feita a reunião com os pais dos alunos participantes da pesquisa. Apresentamos aos mesmos a proposta da nossa intervenção, justificando a importância dos discentes para o andamento do trabalho, assim como os benefícios para os alunos. O primeiro contato da intervenção foi iniciado, embora alguns ficaram um pouco alheios, demonstrando pouco interesse por talvez não terem percebido ainda a importância do projeto. Mas a maioria se mostrou disposta e interessada. Logo em seguida pedimos para que respondessem ao questionário, frisando a importância

do compromisso deles para com as questões levantadas para a fidelidade da pesquisa.

4.5.2 Módulo 2: Em busca das memórias

Apresentamos o trecho do livro *Por parte de pai*, de Bartolomeu Campos Queirós, em *slide* e fomos fazendo as intervenções necessárias durante a leitura, tentando ativar o conhecimento prévio dos alunos sobre histórias já ouvidas por eles que remetessem às narrativas do texto. A segunda oficina foi desenvolvida com o contato dos alunos (em grupo) com diversos textos literários que iam de poesia a contos, crônicas, diários, texto teatral. Foram analisados a linguagem presente nos textos, os recursos estilísticos de cada texto escolhido, em seguida cada grupo socializou. Discutimos sobre as memórias narradas no texto assim como os recursos estilísticos usados pelo autor para a construção do mesmo. Finalizamos propondo uma pesquisa sobre outros textos de memórias. A atividade direcionada da oficina anterior fora negligenciada por praticamente toda a turma, tivemos, então, que redirecionar o que havia sido planejado e justamente por isso nos ocorreu criar um grupo no whatsapp com os participantes da pesquisa para evitar possíveis “esquecimentos” e para ter um canal profícuo de interação entre a turma e a pesquisadora.

Iniciamos a oficina informando aos alunos que dentre uma gama de possibilidades, escolhemos o gênero memórias literárias para a nossa intervenção por possibilitar uma aproximação dos mesmos com as histórias do lugar em que vivem. Questionamos o que eles entendiam por memória. Ouvimos atentamente as respostas. Em seguida os convidamos para conhecer a história das memórias do menino Guilherme, através do livro *“Guilherme Augusto Araújo Fernandes”*. Nosso objetivo era que eles pudessem entender o que é a memória. O livro conta a história de um menino que morava próximo a um asilo, que costumava visitar, onde cria laços de amizade com um grupo de velhinhos. Lá havia uma senhora, D. Antonia com quem se identificou por ter o nome comprido como o dele. Os pais de Guilherme lhe disseram que ela havia perdido a memória. Guilherme começa então, a perguntar aos amigos do asilo o significado de memória. É quando resolve procurar memórias para a velha senhora, juntando numa cesta de objetos que eram significativos para ele. Guilherme vai visitar D. Antonia levando suas memórias dentro de uma caixinha. A

partir deste momento, ela revive lembranças a cada objeto retirado da caixa, recuperando a memória perdida.

Assim, fizemos um momento de relaxamento com os alunos e de rememorar o passado, no qual eles tiveram a oportunidade de relembrear fatos marcantes que os fizeram se emocionar. Tudo isso para aproximá-los mais do sentido da palavra memória e da importância para o entrevistado de relembrear esses fatos e contá-los para que possam ser escritos, para que ganhem voz na escrita deles. Utilizamos algumas das oficinas ofertadas pela Olimpíada de Língua Portuguesa, as quais foram executadas conforme o Caderno se bem me lembro.

A 1ª oficina, intitulada *Naquele tempo...*, tem como objetivos: valorizar a experiência das pessoas mais velhas, compreender o que é memória, perceber como objetos e imagens podem trazer lembranças de um tempo passado, observar que as memórias podem ser registradas oralmente e por escrito. Está organizada em três etapas: Início de conversa, Vestígios do passado e Exposição. Na primeira etapa introduzimos os alunos ao estudo e à produção do gênero, memórias literárias. Para isso, reproduzimos trechos de livros de memórias literárias presentes no *Compact Disc* (CD) que acompanha o Caderno. Os trechos foram “Transplante de Menina” de livro de mesmo nome da autora Tatiana Belinky (São Paulo: Moderna, 2003) e, “Parecida, mas diferente”, do livro, *Anarquistas Graças a Deus*, de Zélia Gattai (Rio de Janeiro: Record, 1986). Seguidas da audição, algumas questões nortearam uma conversa. Em seguida, foi aberto um diálogo com a turma sobre os termos *memória* e *memórias*. Encerradas as discussões acerca dos termos, as definições dos mesmos foram apresentadas pela visão de um especialista, no caso, a definição do Dicionário *Houaiss* da língua portuguesa. O momento posterior foi dedicado a um exercício de memória sobre episódios da vida dos alunos que foram importantes e merecem ser registrados. Sequencialmente, os alunos foram convidados a ouvir na voz do professor, um trecho do livro *Velhos amigos* de Ecléa Bosi, o qual foi motivação para uma das primeiras orientações extraclasse: a conversa com os idosos da comunidade. Neste momento, a turma foi orientada a procurar esse idoso da comunidade e informalmente convidá-lo para uma conversa. Organizamos com os alunos uma lista dessas pessoas na comunidade e também conversamos com a turma sobre a importância do registro na hora da conversa com o idoso. O momento seguinte foi o da socialização dessas conversas. Cada aluno contou o que viu e ouviu no encontro com o idoso e fizemos um quadro-síntese dessa pequena entrevista. Na segunda

etapa as atividades orientavam para que fosse feita na comunidade uma pesquisa para localizar e pegar por empréstimo, fotos, objetos e outros materiais importantes que promovam uma aproximação com o passado, mas sempre colocando para a turma que a maior fonte de história está nas pessoas. E que fosse feita uma exposição com todos os objetos, fotografias e outros materiais recolhidos na busca pelos vestígios do passado. Como já havíamos realizado essa atividade no ano anterior com essa mesma turma, fizemos então uma rememoração da atividade através de fotos e relatos.

A 2ª oficina teve como título: Vamos combinar? O objetivo elencado era conhecer a situação de comunicação de textos de memórias literárias. Para isso a oficina foi organizada em três etapas: A situação de produção, Viver para contar e Plano de trabalho. Na primeira etapa conversamos com os alunos sobre a situação de produção do texto memórias literárias e propomos que os textos produzidos pela turma fizessem parte de um livro organizado por nós com a participação dos mesmos. Orientamos que eles produziram um texto colocando-se no lugar do entrevistado, logo usariam a primeira pessoa. A segunda etapa iniciou-se com a apresentação do autor colombiano Gabriel García Márquez, seguida da leitura de um fragmento de um dos seus livros, *Viver para contar*. Em seguida, trouxemos informações sobre o autor e da sua relação com a cidade descrita no trecho e então pedimos que desenhassem o local descrito. Por fim, na terceira etapa, foi feita a proposta desse plano detalhando as etapas seguintes, para desse modo os alunos acompanhassem cada etapa.

4.5.3 Módulo 3: A escrita e reescrita

A 4ª oficina, intitulada: Primeiras linhas, tem como finalidade produzir o primeiro texto de memórias literárias. Antes disso retomamos discussões anteriores, como por exemplo as entrevistas feitas e socializadas em sala pois delas devem partir os textos. Lembramo-nos, ainda, de que eles se colocassem no lugar do entrevistado, escrevendo em 1ª pessoa. Como era de se esperar, a grande maioria se mostrou ainda com receio na hora da escrita, quando tiveram que dar voz aos seus entrevistados. Fato que não nos surpreendeu, haja vista a dificuldade encontrada pela grande parte dos alunos com a produção escrita. No entanto, a partir da retomada das entrevistas as dificuldades foram amenizando e todos produziram o primeiro texto de memórias.

A 5ª oficina: *Tecendo os fios da memória* teve como objetivos explorar o plano global do texto de memórias literárias e observar o foco narrativo presente em boa parte desses textos. Organizou-se em três etapas: Início, meio e fim; No tempo e no espaço e O narrador. Na primeira etapa a partir do texto “O valetão que engolia meninos e outras histórias de Pajé” (texto de Kelli Carolina Bassani, aluna finalista do Prêmio *Escrevendo o Futuro* em 2006) os alunos foram desafiados a organizar o texto que fora previamente dividido, organizando-o de acordo com o esquema início, meio e fim. Na sequência fizeram a audição do texto e assim verificaram quem organizou corretamente o texto. A segunda etapa indicava a apresentação do plano global de um texto de memórias literárias e para isso trouxemos alguns trechos iniciais e finais de livros, para que fossem observados pelos alunos. Na terceira etapa foi proposto para que os alunos diferenciassem o narrador–personagem do narrador-observador, e percebessem que os textos de memórias literárias trazem geralmente o narrador-personagem e que será assim que os textos deles serão produzidos, como narrador-personagem. Finalizamos com atividades para modificar os tipos de narradores em trechos, orientando para a atenção na flexão do verbo e pronomes.

A 6ª oficina teve como título: *Lugares que moram na gente* e objetivou perceber as diferentes características da descrição em textos de memórias literárias e observar o efeito provocado pela forma como o autor descreve fatos, sentimentos e sensações nesse gênero de texto. A oficina foi organizada em três etapas, intituladas: Primeiro Carnaval no Brasil, Outras descrições e Um local em detalhes. Na primeira etapa foi feita a audição de um trecho do livro *Transplante de Menina* (Tatiana Belinky) que trata da chegada dela ao Brasil. A partir da discussão sobre o fato memorado os alunos fizeram um desenho baseado no texto memorialístico da autora, em seguida a exposição dos desenhos. Após isso uma discussão em grupos para que estes conseguissem perceber a riqueza de detalhes apresentados no texto. Na segunda etapa outros exemplos de trechos de memórias em que há riqueza de descrições referentes à pessoa e lugar foram apresentados. Os alunos observaram os recursos utilizados pelos autores. Na terceira etapa a turma escolheu um lugar atraente de onde vivem, que tivesse significado para a história da cidade e conseqüentemente para os mesmos como parte desse lugar. Dentre várias opções foi escolhido o casarão conhecido como Sobrado. Ao chegarmos fizemos algumas explanações sobre o lugar, explicitando sua importância para a história e memória da cidade. E os alunos relembrou e contaram algumas histórias contadas por pessoas mais velhas da

comunidade que aconteceram em meio aquele lugar. Em seguida, fizeram descrições desse lugar, em duplas. Terminada a tarefa, cada par trocou de texto com outras duplas para que os textos fossem apreciados e alvo de comentários.

Na 8ª oficina: *Na memória de todos nós* o objetivo era analisar marcas linguísticas em textos de memórias literárias. E se organizou em três etapas: O Lavador de Pedra, Sede noturna e Como dizer. A primeira etapa desta oficina iniciou-se com a apresentação do autor Manoel de Barros e em seguida a leitura, na Coletânea, do texto “O lavador de Pedra”. Após a leitura fizemos uma roda de conversa na qual os alunos foram levados a perceber que o autor conta de maneira testemunhal, como narrador-observador, um episódio cujo personagem é o seu avô. Na segunda etapa trabalhamos com mais um trecho do texto “Memórias de livros”, de João Ubaldo Ribeiro e retomamos algumas informações sobre o autor e sobre o texto. Após a leitura e discussão do trecho os alunos identificaram, entre outras coisas, semelhanças entre o texto de Manoel de Barros e o trecho lido. Na terceira etapa foram escritas no quadro frases que representassem como os fatos narrados nos textos desta oficina foram observadas na realidade, em seguida pedimos aos alunos que localizassem a forma como esse mesmo fato foi apresentado no texto. Assim os alunos foram levados a perceber os efeitos de sentido criados pelos autores que para isso recorrem a diversos fatores entre eles as figuras de linguagem.

A 11ª oficina teve como título: *A entrevista* e seu objetivo foi planejar e realizar entrevistas. Sendo organizadas em três etapas, intituladas: O entrevistado e o tema, Preparando a entrevista e A realização da entrevista. Na primeira etapa desta oficina retomamos a lista de pessoas da comunidade que pudessem contribuir com lembranças de fatos que a turma quisesse narrar. Nesse intento, os quadros elaborados na primeira oficina foram revistos pelos alunos e alguns aspectos não mencionados anteriormente foram acrescentados. Apresentamos, ainda, um quadro com temas que pudessem despertar lembranças nos entrevistados. Na segunda etapa enfatizamos a importância de se criar um clima propício para a entrevista, onde o entrevistado estivesse à vontade e ciente da importância da sua contribuição para o trabalho que estava sendo realizado. Para finalizar, apresentamos um texto relatando a preparação que Antônio Gil fez para a entrevista que originou o texto “Como num filme”. A terceira etapa tratou-se da entrevista. Como sugestão as entrevistas poderiam acontecer na própria escola, ou na residência dos entrevistados.

A 12ª oficina com título *Da entrevista ao texto de memórias literárias*, foi composto de duas etapas: Registro da entrevista e As mudanças. Teve como objetivo analisar, juntamente com os alunos, os procedimentos realizados para a transformação de um trecho de entrevista em fragmento de memórias literárias (retextualização). Na primeira etapa o aluno foi levado a compreender o processo de retextualização de uma entrevista até chegar ao texto de memórias literárias. Para tanto, foram utilizados trechos da entrevista do Senhor Amalfi, feita por Antônio Gil que originaram o texto “Como num filme”. Na segunda etapa para que houvesse a compreensão por parte dos alunos das mudanças que ocorrem entre a entrevista e o texto de memórias, promovemos um diálogo sobre essas transformações e em seguida orientamos para que fizessem a passagem de um fragmento da entrevista de Antônio Gil com o Sr. Amalfi para um registro escrito. O plano global do texto, apresentado na quinta e oitava oficinas, pôde ser revisitado para a retomada dos recursos empregados para a narração dos fatos vividos e lembrados pelo entrevistado. Por fim, a turma apreciou a retextualização e a leitura do texto produzido originalmente por Antônio Gil foi apresentado aos mesmos.

A 16ª oficina intitulada *Últimos retoques*, objetivou fazer a revisão e o aprimoramento do texto produzido na oficina anterior. Essa oficina apresentou duas etapas: Revisão coletiva e Revisão Individual. Na primeira etapa foi utilizado um texto de um dos alunos para que, em conjunto, fosse melhorado. Na segunda etapa entregamos os textos aos alunos para que retomassem o trabalho de aperfeiçoamento tomando como base a atividade coletiva e a nossa mediação.

4.5.4 Módulo 4: Circulação do gênero

Ao final da reescrita promovemos a circulação do gênero através da exposição dos textos para a comunidade escolar e familiar onde será lançado posteriormente o livro com a coletânea de textos produzidos pelos alunos.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo apresentamos os dados dos questionários aplicados e a análise dos mesmos. Em seguida, realizamos a apresentação e também a análise dos textos produzidos pelos alunos depois da aplicação da sequência didática.

5.1 HÁBITOS DE USO E COMPORTAMENTOS DOS ALUNOS COM A LEITURA E A LITERATURA

Inicialmente, apresentamos a análise dos resultados do questionário sobre os hábitos de leitura dos alunos e da relação que estes estabelecem com a literatura. Esse primeiro questionário tem como objetivo diagnosticar como é a relação dos alunos com a leitura de maneira geral, e com a literária. Também procuramos entender que ligação eles têm com o lugar onde vivem, se se identificam ou não com esse espaço.

Na primeira pergunta nosso intuito era averiguar se os alunos gostavam de ler.

1. Você gosta de ler?

() Sim () Na maioria da vezes () às vezes () não

Gráfico 1 – Você Gosta de ler?



Fonte: elaborado pela autora (2017)

Conforme o gráfico 1, pouco mais da metade dos alunos (57%) afirmam que leem às vezes, ou seja, não tem o hábito frequente de ler. Enquanto 37% dizem gostar de ler e 6% admitem ler na maioria das vezes.

O fato de nenhum aluno ter afirmado não gostar de ler nos leva a refletir sobre a forma equivocada com que muitas vezes esses leitores são julgados.

Observa-se, nos últimos anos um crescimento no acesso à leitura por parte dos jovens, principalmente no que diz respeito às redes sociais que os oportuniza ler e escrever diariamente. O que nos leva a reconhecer que as práticas de leitura têm evoluído, sobretudo quando se fala dos avanços tecnológicos.

Urge, portanto, que procuremos nos adaptar à essas novas formas de ler, inserindo esse universo em nosso cotidiano de sala de aula, orientando para uma leitura produtiva e como ponto de partida para outros tipos de leitura igualmente importantes e necessários.

Ao respeitarmos e levarmos em consideração o gosto do aluno, suas particularidades, utilizando aquilo que lhe é acessível, faremos com que descubram que há muitas outras possibilidades de leitura tão prazerosas e tão necessárias quanto as que estão habituados.

Essa inserção do aluno no universo da cultura letrada desenvolve a habilidade de dialogar com os textos lidos, através da capacidade de ler em profundidade e interpretar textos significativos para a formação de sua cidadania, cultura e sensibilidade. (VOLMER, 2007, p. 8)

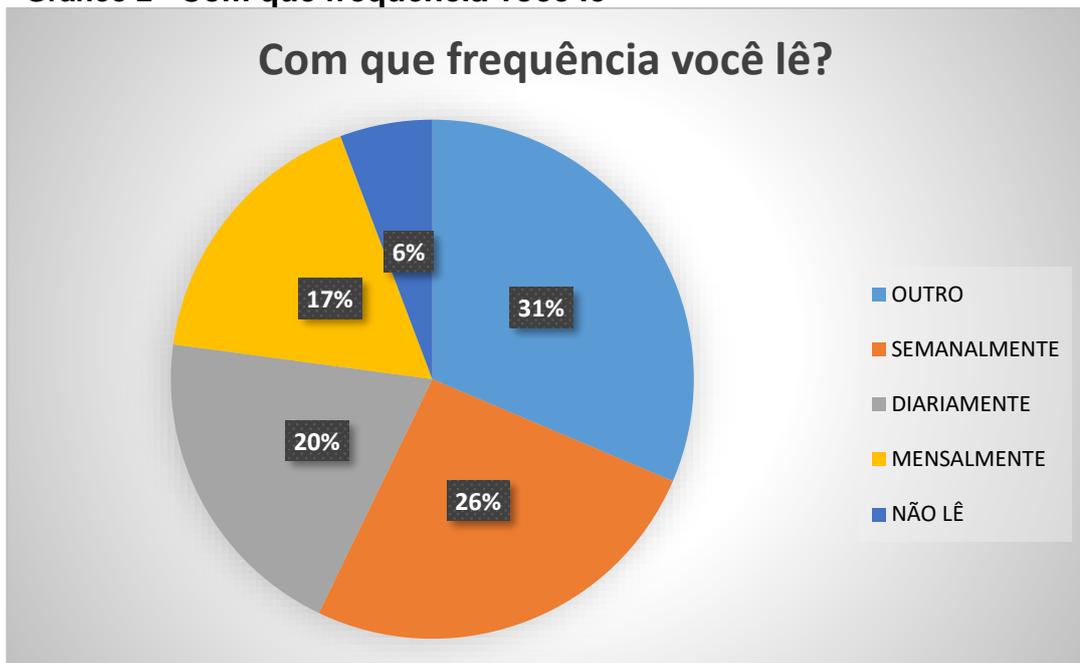
Importante reconhecer a leitura como agente transformador e a escola como veículo de acesso desses leitores a esse universo da cultura letrada tão primordial. Embora o resultado demonstre que ainda temos um caminho considerável a percorrer no que diz respeito ao aumento de leitores, é possível perceber avanços nesse sentido.

A questão seguinte trata da frequência com que os participantes leem. Nossa intenção era mapear o tempo que os mesmos destinavam ao hábito da leitura.

2. Com que frequência você lê

diariamente semanalmente mensalmente não lê outro

Gráfico 2 - Com que frequência você lê



Fonte: elaborado pela autora (2017)

Pudemos averiguar que a maioria não apresenta uma constância em relação à leitura. Pouco menos da metade (31%) não se enquadram nas categorias pesquisadas dentre as quais 20% leem diariamente, 26% semanalmente, 17% mensalmente e apenas 6% afirmam não ler.

Percebemos que apesar de grande parte da turma ter afirmado gostar de ler, isso não quer dizer que faça disso um hábito. O que nos mostra o quanto ainda temos que percorrer para despertar nos nossos alunos a necessidade da leitura como possibilidade de conhecimento, mas também de prazer, algo que potencialize suas ideias e emoções. Sendo assim:

A escola tem por responsabilidade proporcionar aos seus alunos condições para que esses tenham acesso ao conhecimento da leitura como função social. Nesse ciclo de criação do conhecimento, próprio da vida escolar, a leitura ocupa, sem dúvida alguma, um lugar de destaque, já que ensinar a ler é um meio básico para o desenvolvimento da capacidade de aprender e constitui competências para a formação do aluno. (VOLMER, 2007, p. 8)

Dessa maneira, o hábito e a constância da leitura tornam-se necessários para o indivíduo interagir no seu meio social, se colocar, questionar, ou seja, agir diante das necessidades sociais.

A terceira pergunta (**Que tipo de leitura você gosta de fazer?**), assim como a oitava (**Qual o livro que você mais gostou? Por quê?**) e a nona (**Qual o livro que você não gostou? Por quê?**) foram feitas com o intuito de que os alunos expressassem suas preferências e recusas com relação à leitura. Assim temos a possibilidade de mapear o tipo de leitura que chama a atenção dos mesmos, fato que pode nos auxiliar na escolha dos gêneros trabalhados em sala de aula.

Gráfico 3 – Que tipo de leitura você gosta de fazer?



Fonte: elaborado pela autora (2017)

Como podemos constatar foram muitas as opções citadas por eles em relação ao tipo de leitura que gostavam de fazer, sendo que a grande maioria citou mais de um gênero. Desse modo, optamos por nos deter àquelas que mais foram votadas. Assim, 14% afirmam gostar de “qualquer uma”, demonstrando não ter um gosto ainda definido em relação à leitura, 13% dizem gostar de “quadrinhos”, 12% preferem

romance, 7% dizem preferir livros (sem especificá-los), 5% afirmam gostar de rede social, 5% de poema.

Quando perguntados sobre qual livro mais gostaram de ler, as respostas foram variadas, algumas incompletas. Encontramos algumas respostas mais completas e com obras idênticas o que nos permite analisar o perfil desses alunos em relação ao gosto literário.

“A marca de uma lágrima, porquê puxa o leitor para a história”.

“A marca de uma lágrima, era uma história muito emocionante”

“A droga da obediência. Por que tem muito mistério envolvido no livro”.

“A droga da obediência, porque é um livro de mistério que cativa você”.

“A invocação e a droga da obediência porque tem mistérios”.

“A invocação, por que tem mistérios”.

“A invocação porque é um filme de terror”.

“A Invocação, pois tem mistérios”.

As narrativas de suspense, de Pedro Bandeira e o livro A invocação, da autora de best-sellers Kelley Armstrong citadas pelos alunos demonstram o gosto dos mesmos por narrativas de suspense e terror como podemos perceber pelas justificativas apresentadas.

Desse modo, percebemos que o leitor busca uma leitura descompromissada e por isso prazerosa, que lhe proporcione vivenciar uma nova realidade a partir da fantasia, da ficção. Cumprindo-se assim os propósitos da literatura que é trazer o desconhecido presente nos textos literários ao leitor para que este possa confrontar com sua realidade desencadeando um acordo entre este e o texto pelo fato de “[...] estimular uma vivência singular com a obra visando ao enriquecimento pessoal do leitor, sem finalidades precípuas ou cobranças ulteriores.” (ZILBERMAN, 2009, p.36).

Outros comentários que nos chamaram a atenção foram aqueles que citaram livros bastante atuais e que estão na lista dos mais lidos entre os adolescentes. É o caso do A culpa é das estrelas, A saga crepúsculo e Como eu era antes de você. Vejamos os comentários dos alunos:

“A culpa é das estrelas, porque é um filme triste.”

“A culpa é das estrelas, porque fala da paixão de amor à primeira vista e de uma doença que atinge muito as pessoas.”

“A culpa é das estrelas, porque é um livro baseado em fatos reais e é muito emocionante.”

“A culpa é das estrelas, porque nele relata uma vida real.”

“A saga crepúsculo, porque foi um livro que despertou minha curiosidade.”

“Como eu era antes de você, porque nele tem romance, drama e ficção.”

Podemos concluir que devemos valorizar as leituras que nossos alunos fazem, perceber quais delas os instigam, quais estes fazem por prazer, curiosidade. Para que assim possamos sugerir outras para que possam alargar o seu horizonte de leitura e que possam maturar cada vez mais seu gosto literário.

Quando questionados sobre qual livro não gostaram, a grande maioria afirmou não ter nenhum, que haviam gostado de todos. Algumas obras foram citadas, no entanto escolhemos três comentários para ilustrar nossa análise.

“Esqueci de te esquecer, porquê é mais poesia.”

“2000 léguas submarinas. Achei entediante.”

“Odisseia porque eu não entendi direito.”

Os comentários nos chamaram a atenção pelo fato de reforçar o argumento de que os jovens não se sentem à vontade com leituras mais complexas, ou longas. Um dos alunos faz referência à poesia que é um gênero que ainda causa uma certa resistência dos alunos pelo fato de apresentar uma linguagem mais subjetiva, que carece de uma interpretação mais minuciosa por parte do leitor.

A outras obras citadas são a Odisseia e Vinte Mil Léguas Submarinas, as quais são relativamente extensas e que podem parecer “difíceis ou entediante” para um leitor que não tenha ainda uma experiência com livros desse tipo.

Cabe, portanto à escola proporcionar e diversificar as experiências com leitura de seus alunos, proporcionando a competência proficiente da leitura, sobretudo a literária.

A quarta pergunta questionava sobre a participação dos alunos na escolha dos livros lidos por eles tanto na sala de aula quanto na biblioteca. Nosso intuito era perceber até que ponto os mesmos tinham oportunidade de escolher o que gostariam de ler ou se essa era uma “tarefa” relegada apenas ao professor.

4. você participa da escolha dos livros lidos em sala ou na biblioteca?

() sempre () na maioria das vezes () Às vezes () Nunca

Gráfico 4 - você participa da escolha dos livros lidos em sala ou na biblioteca?



Fonte: elaborado pela autora (2017)

A esse respeito, pudemos constatar que a grande maioria (70%) afirma que essa escolha só ocorre às vezes. Apenas 18% afirmam fazer isso na maioria das vezes, enquanto 7% afirmam que sempre fazem essa escolha e 4% dizem nunca terem escolhido suas leituras.

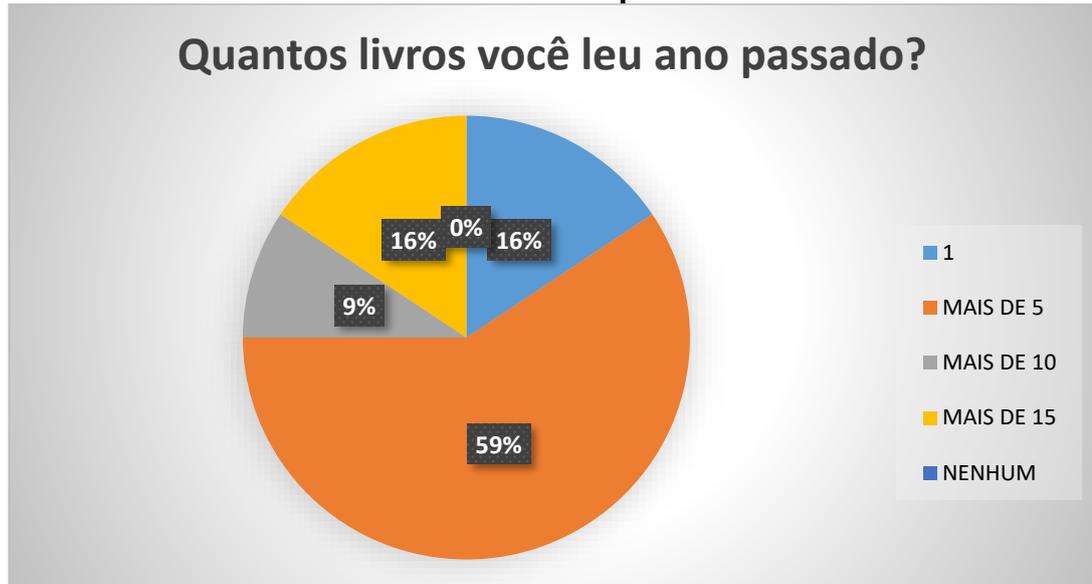
A orientação do professor é primordial para a evolução do aluno quanto à variedade de obras com as quais ele tem contato, visto que muitas vezes se não houver essa “interferência” o aluno não fará isso por conta própria. Não estamos descartando a autonomia do aluno escolher por si mesmo o que gostaria de ler, mas que ambas as possibilidades são relevantes e necessárias.

A quinta pergunta está relacionada à quantidade de livros que os alunos participantes leram durante o ano de 2016.

5. Quantos livros você leu ano passado?

1 livro mais de 5 mais de 10 mais de 15 Nenhum

Gráfico 5 - Quantos livros você leu ano passado?



Fonte: elaborado pela autora (2017)

Mais da metade (59%) afirmam terem lido mais de 5 livros, os que leram mais de 15 livros somam 16%, assim como os que só leram apenas 1 livro. 9% afirmam terem lido mais de 10 livros.

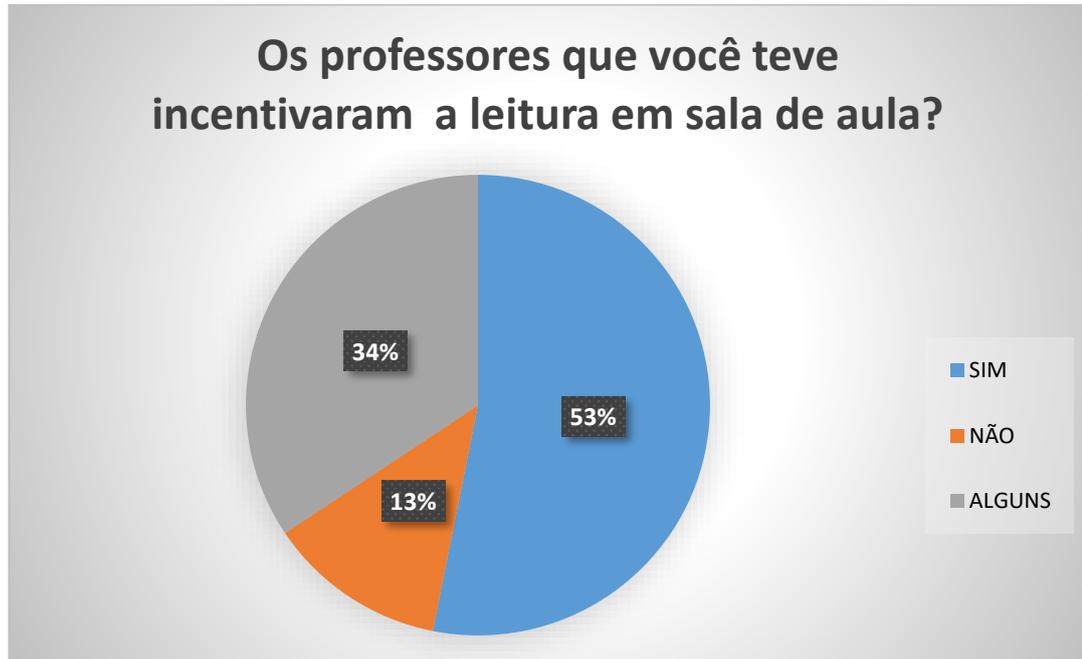
Podemos constatar que o número de livros lidos pelos alunos no ano anterior à pesquisa embora não seja o ideal não pode ser considerado tão insatisfatório. Cumpre assinalar o quão importante é que essas leituras sejam aproveitadas para servir de estímulo para outras experiências mais complexas.

A sexta pergunta questiona sobre o incentivo ou a falta de incentivo por parte dos professores desses alunos em relação à leitura.

6. Os professores que você teve incentivaram a leitura em sala de aula?

sim não alguns

Gráfico 6 - Os professores que você teve incentivaram a leitura em sala de aula?



Fonte: elaborado pela autora (2017)

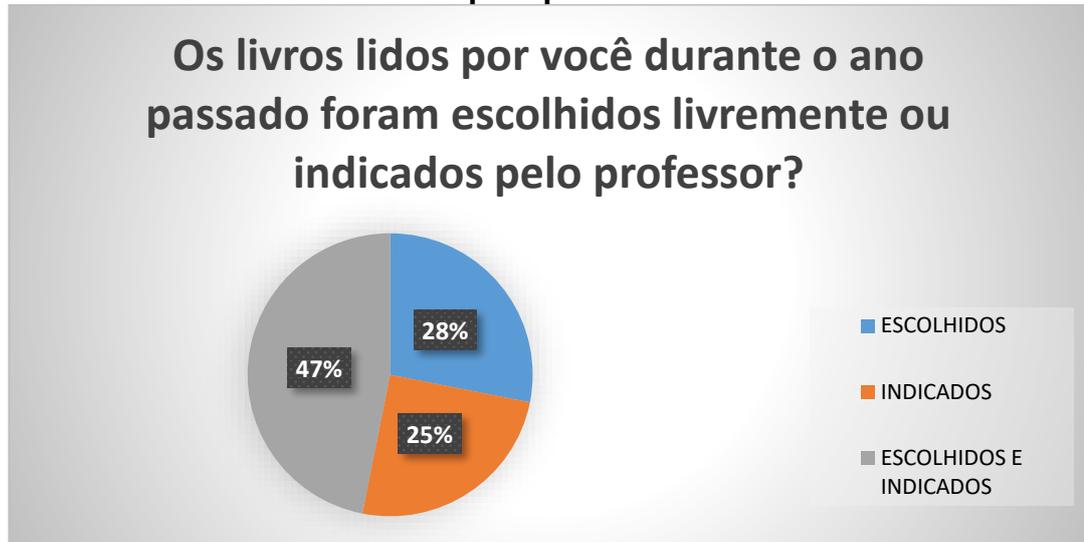
A esse respeito a maior parte (53%) afirmam que os professores incentivaram a leitura em sala de aula, enquanto 34% afirmam que somente alguns fizeram isso e 13% dizem que os professores não incentivaram.

Isso reforça a importância de o professor lançar mão de estratégias que possibilitem o contato dos alunos com a leitura, sobretudo literária priorizando assim esse hábito. É notório o papel do professor quando se fala no incentivo à formação de leitores. Sendo ele um leitor apaixonado, não há como não transparecer isso ao aluno como também não o “contaminar” com esse prazer.

A sétima pergunta (aberta) questiona se os livros lidos por ele durante o ano de 2016 foram escolhidos livremente ou indicados pelo professor.

7. Os livros lidos por você durante o ano passado foram escolhidos livremente ou indicados pelo professor?

Gráfico 7- Os livros lidos por você durante o ano passado foram escolhidos livremente ou indicados pelo professor?



Fonte: elaborado pela autora (2017)

Quase metade dos alunos (47%) afirmam que os livros tanto foram escolhidos por eles quanto indicados pelo professor. 28% afirmam que eles mesmos escolheram e 25% que foram indicados.

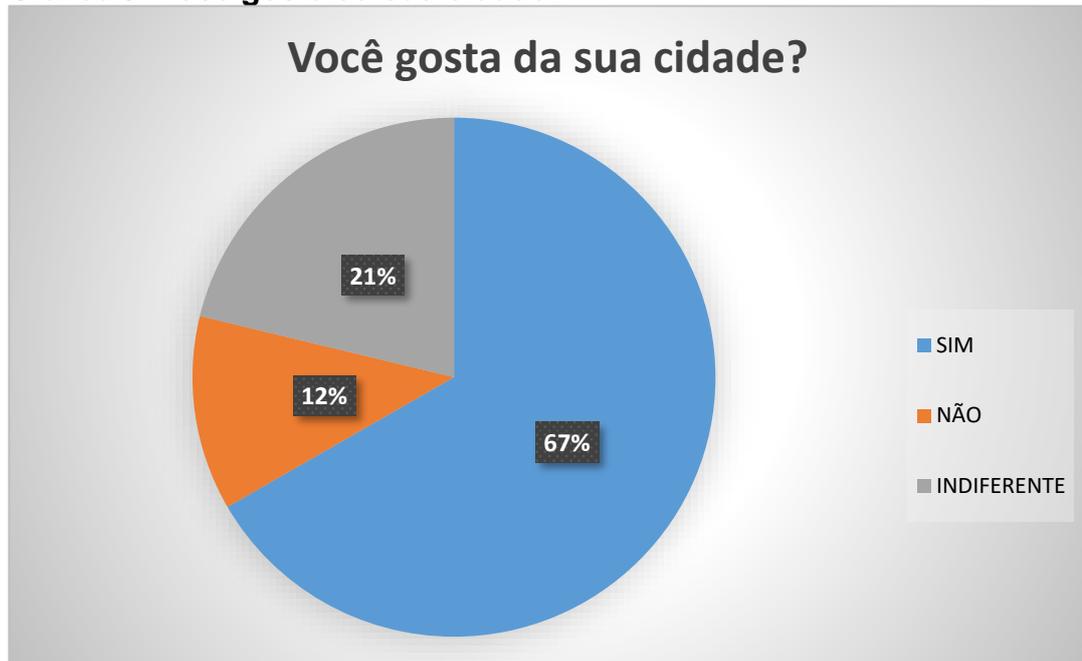
Consideramos de extrema importância a figura do professor na tarefa de conduzir o aluno pelo caminho da leitura, mas sem deixar de levar em consideração as escolhas e preferências do mesmo, proporcionando o protagonismo que o educando tanto necessita adquirir.

Nas duas perguntas seguintes questionamos os alunos sobre o lugar onde vivem com o intuito de desvendar que relação eles têm com esse espaço, se há por parte dos alunos um sentimento de pertencimento a esse lugar. Visto que durante os primeiros anos de nossa prática era recorrente uma certa rejeição dos alunos pela sua cidade natal e nos instigou a descobrir se ainda perdura.

No gráfico 8, questionamos se gostavam ou não da sua cidade.

10. Você gosta da sua cidade?

() sim () não () indiferente

Gráfico 8- Você gosta da sua cidade?

Fonte: elaborado pela autora (2017)

Do total de alunos pesquisados, 67% afirmam gostar da cidade em que vivem, 21% são indiferentes, ou seja, não têm uma opinião formada sobre isso e 12% afirmam não gostar de sua cidade natal.

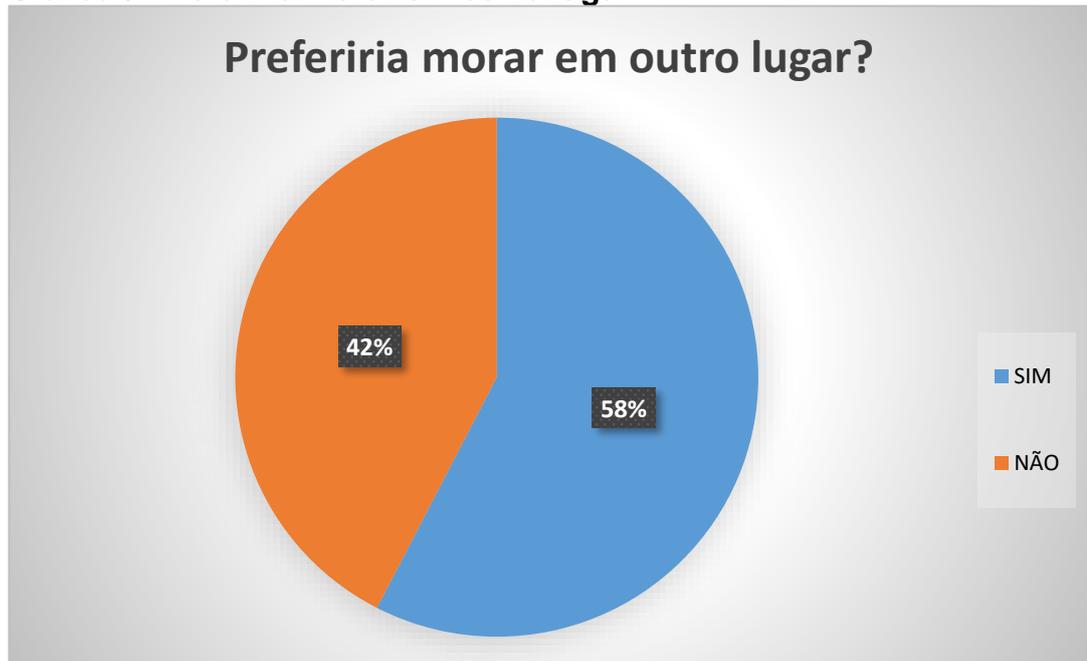
Inferimos a partir das respostas dos alunos que o índice de rejeição vem diminuindo sobremaneira com o passar dos anos, embora acreditemos que esse sentimento de indiferença assinalado por alguns seja fruto de um certo desconhecimento de suas origens ou mesmo de uma desvalorização da sua realidade.

Em relação à décima primeira pergunta indagamos se prefeririam morar em outro lugar.

11. Preferiria morar em outro lugar?

() sim

() não

Gráfico 9- Preferiria morar em outro lugar?

Fonte: elaborado pela autora (2017)

Embora a maioria dos alunos tenha afirmado na pergunta anterior que gostavam da sua cidade. Na pergunta seguinte a maior parte deles (86%) afirmaram preferir morar em outro lugar, apenas 14% afirmam não querer sair de lá.

O que nos faz refletir sobre o sentimento de identidade que a maior parte desses alunos não aparentam ter pelo lugar que vivem. Esse foi justamente um dos motivos que nos estimulou e nos guiou aos textos memorialísticos. Por possibilitar aos alunos o encontro com suas raízes, com a história do seu povo através das histórias narradas pelos moradores mais antigos.

5.2 PERCEPÇÕES DOS ALUNOS APÓS A APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

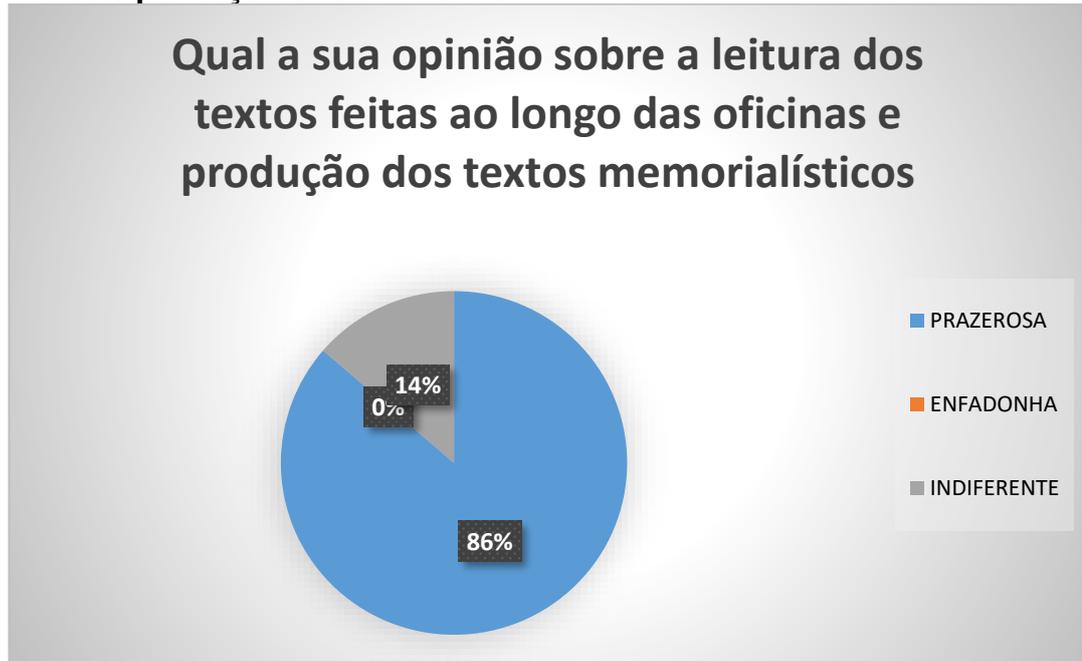
O segundo questionário procura desvendar se houve modificações depois da aplicação da sequência didática no que diz respeito à leitura literária, à identificação dos alunos com o lugar onde vivem e ao papel da literatura.

A pergunta a seguir faz referência à opinião dos alunos em relação a leitura dos textos que foram trabalhados ao longo da sequência didática.

1. Qual a sua opinião sobre a leitura de seus textos feitas ao longo das oficinas e produção dos textos memorialísticos?

- () prazerosa
 () enfadonha
 () indiferente

Gráfico 10- Qual a sua opinião sobre a leitura de seus textos feitas ao longo das oficinas e produção dos textos memorialísticos?



Fonte: elaborado pela autora (2017)

Como pudemos averiguar a grande maioria se mostrou satisfeito com os textos trabalhados, a escolha e diversificação dos textos feita por nós foi satisfatória. Apesar de uma minoria (14%) classificar a leitura como indiferente, nenhum aluno considerou a leitura enfadonha.

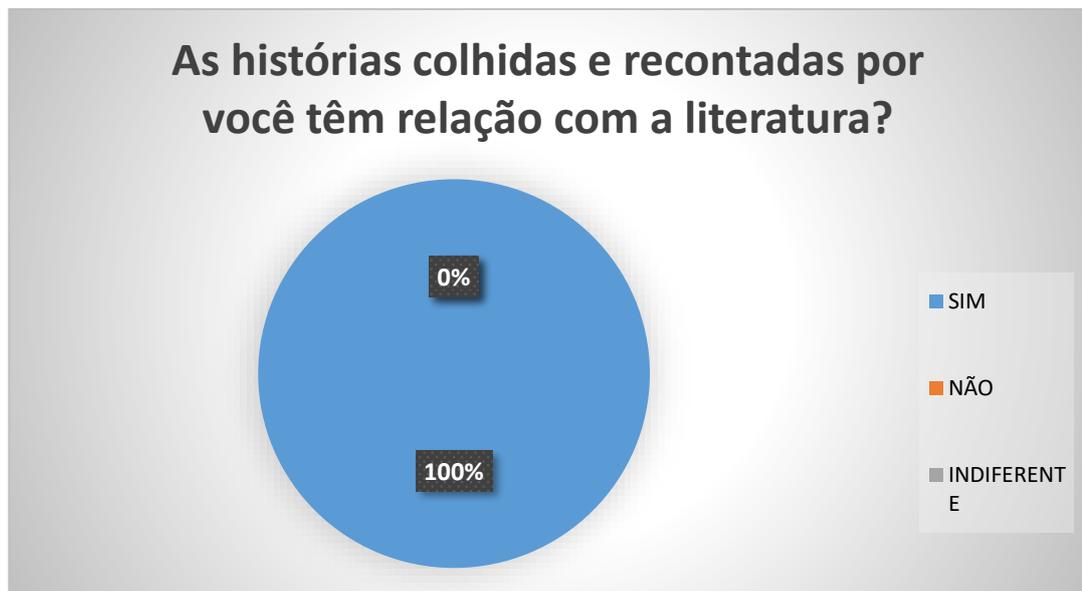
Com relação às repostas dadas pelos alunos pudemos perceber que o planejamento de metodologias que levam em conta a realidade e/ou o gosto do discente contribuem nesse processo de receptividade, no qual o texto deixa de ser uma leitura obrigatória e passa a ser algo proveitoso, produtivo, tornando mais eficiente o trabalho do professor.

A segunda pergunta tratou da relação que eles estabeleceram entre as histórias colhidas nas entrevistas e depois recontadas em forma de memórias literárias com a literatura.

2. As histórias colhidas e recontadas por você têm relação com a literatura?

- () Sim
 () Não
 () indiferente

Gráfico 11- As histórias colhidas e recontadas por você têm relação com a literatura?



Fonte: elaborado pela autora (2017)

Todos os alunos relacionaram os textos memorialísticos com a literatura e seu caráter ficcional, subjetivo. Os textos colhidos e produzidos pelos memorialistas e que contam a história de seus antepassados e porque não dizer deles próprios são ricos de literatura seja na linguagem ou na subjetividade que carregam em si ao falar do passado, retomando suas reminiscências. Nesse sentido, a literatura pode estar mais próxima do que se imagina da realidade, sendo sua leitura, portanto um “produto da atividade humana” como afirmam Ramos e Zanola:

Como produto da atividade humana, a leitura da literatura permite ao estudante refletir sobre questões próprias da condição humana – morte, amor, amizade, relações sociais, para citar apenas alguns exemplos –, além de acessar e vivenciar realidades distantes no tempo e no espaço, ampliando suas vivências. Dessa forma, a leitura literária possibilita ao aluno conhecer melhor o mundo e a si mesmo. (RAMOS E ZANOLA, 2009, p. 70).

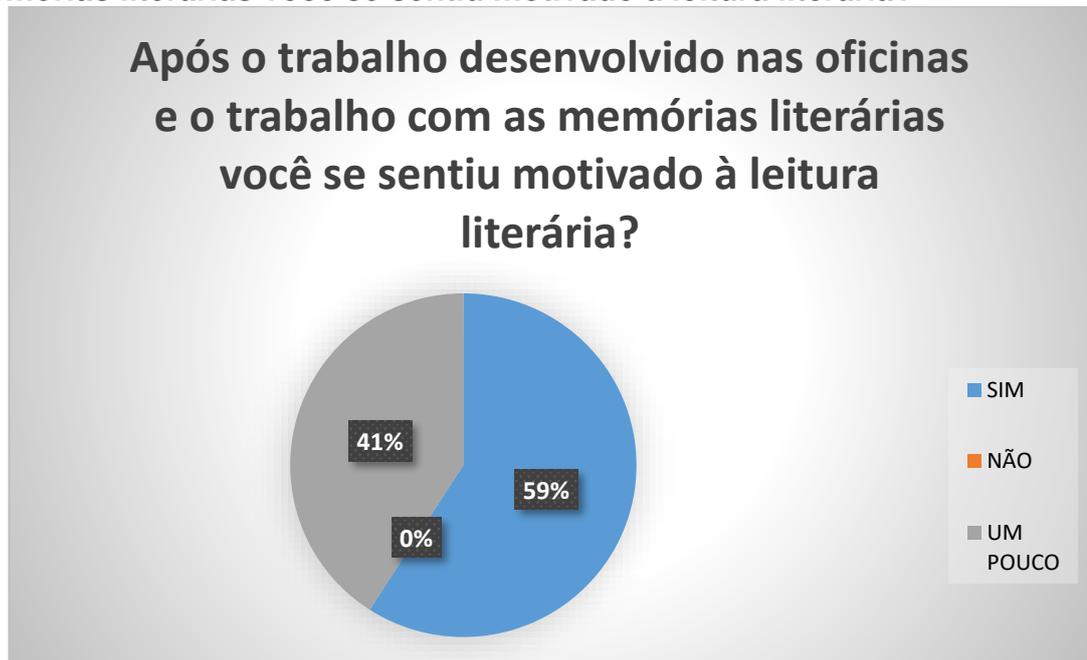
A literatura nos permite compreender e interpretar a realidade na qual estamos inseridos, e vai além por nos fazer questionar, adentrando no texto somos capazes de extrair deles muito além das informações, mas também emoção, cultura, referências e criatividade.

O terceiro questionamento diz respeito a motivação dos alunos à leitura literária depois da aplicação da sequência didática.

3. Após o trabalho desenvolvido nas oficinas e o trabalho com as memórias literárias você se sentiu motivado à leitura literária?

- () Sim
- () Não
- () Um pouco

Gráfico 12- Após o trabalho desenvolvido nas oficinas e o trabalho com as memórias literárias você se sentiu motivado à leitura literária?



Fonte: elaborado pela autora (2017)

Pudemos perceber que pouco mais da metade (59%) sentiu-se motivado à leitura literária após a realização das oficinas. Embora nenhum tenha afirmado se sentir desmotivado, 41% se sentiram indiferentes. Isso nos leva a refletir que ainda precisamos, através de um trabalho comprometido, lançar mão de meios e

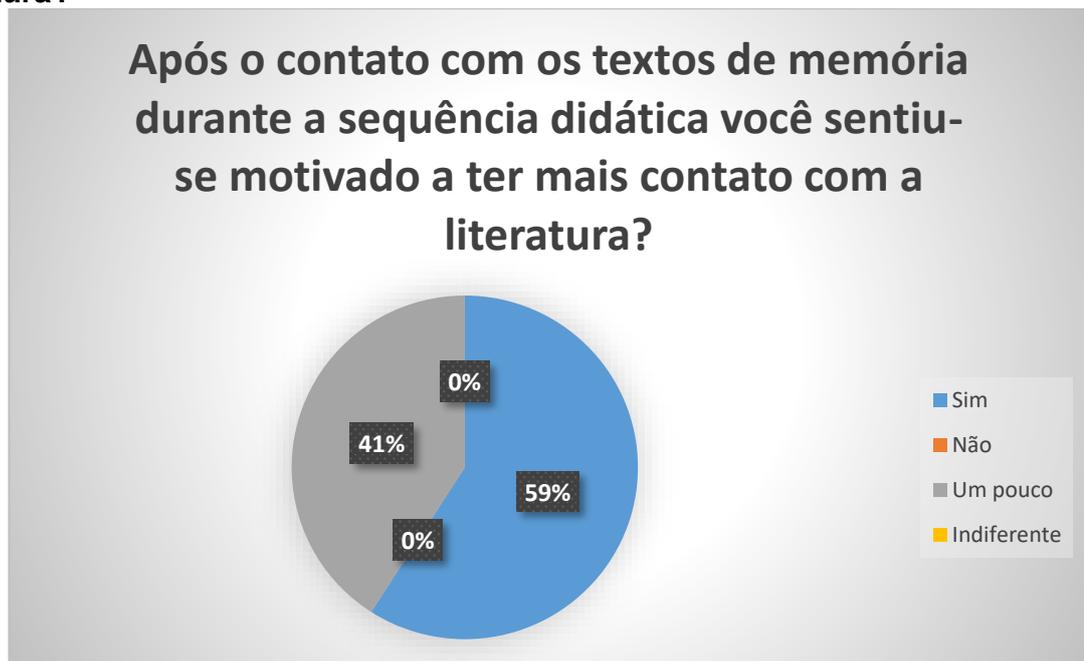
estratégias bem planejados para alcançarmos sucesso na busca pela valorização da literatura.

A quinta pergunta trata da motivação por parte dos alunos a ter mais contato com a literatura após o contato com os textos de memórias.

5. Após o contato com os textos de memórias durante a sequência didática você sentiu-se motivado a ter mais contato com a literatura?

- () sim
- () não
- () um pouco
- () indiferente

Gráfico 13- Após o contato com os textos de memórias durante a sequência didática você sentiu-se motivado a ter mais contato com a literatura?



Fonte: elaborado pela autora (2017)

A esse respeito a maior parte dos alunos (59%) afirmam se sentir motivados. Em contrapartida 41% afirmam terem se sentido um pouco motivados. Nenhum aluno afirmou se sentir desmotivado ou indiferente, demonstrando que o trabalho com os textos literários foi bem aceito por eles.

Utilizamos no segundo questionário quatro perguntas objetivas de múltipla escolha e uma pergunta subjetiva. Esta tratava sobre o olhar que os alunos têm em

relação ao lugar em que vivem após conhecer as histórias de sua cidade através dos moradores mais antigos e através dos textos memorialísticos desenvolvidos por eles.

Trazemos, neste momento, a análise da pergunta subjetiva presente no segundo questionário:

4. Qual o seu olhar sobre o lugar em que vive após conhecer as histórias do seu lugar através das entrevistas com os moradores, e do seu texto e dos demais colegas?

Vale salientar que as respostas dos alunos foram transcritas da mesma forma como foram escritas.

Os alunos memorialistas tiveram a oportunidade de re(viver) as lembranças dos antigos moradores de sua comunidade a partir das entrevistas e na produção dos textos memorialísticos. Os comentários abaixo demonstram uma mudança em relação a visão que os alunos tinham do lugar onde vivem. Descartaram a visão negativa de antes pois perceberam que as histórias do seu povo não só representam a coletividade, mas a eles próprios enquanto indivíduos que fazem parte daquela comunidade.

A 5- “minha opinião mudou muito, passei a admirar mais esta cidade, após as histórias.”

A 15- “A visão que eu tinha mudou totalmente, pois eu achava uma cidade muito chata sem nada de interessante, mas na verdade tem várias coisas.”

A 30- “Mudou um pouco por que depois de meses, anos as coisas ficam diferente.”

A 17- “Mudou um pouco, porque depois que eu conheci as histórias dos moradores de Belém, eu conheci novas coisas e tudo mudo, porque onde eu passo eu penso nas histórias deles.”

A 23- “Bem no começo eu não tinha muito interesse em relação a nossa cidade, mas depois dessas entrevistas e história lidas comecei bastante a gostar.”

As memórias com as quais tiveram contato através das entrevistas foram bastante relevantes para essa identificação que os alunos demonstraram ter adquirido com a história da cidade, passando a admirá-la. Assim, o contato com as memórias é um passo importante na ressignificação da identidade e do sentimento de

pertencimento a esse lugar, aproximando-o das histórias dos seus antepassados e dos idosos da comunidade e da sua própria história. O contato entre as gerações foi bastante positivo por possibilitar uma relação entre a constituição identitária e as reminiscências narradas pelos moradores mais antigos.

A 19- “Bom pra mim começou a ser diferente porque eu não conhecia bem as histórias da cidade e passei a gostar mais ainda.”

A 7- “Sim, pois comecei a ver os pontos mais positivos da minha cidade, a admirar a história, tradição e as pessoas.”

A 26- “tenho um olhar mais positivo em relação há histórias contadas, pois tem fatos ocorridos que hoje em dia sequer ocorrem.”

A 14- “Sim de certa forma fez com que eu fosse mais a fundo com essas histórias por eu conhecer algumas que chamou atenção.”

A 12- “Mim indentifiquei muito com tantas histórias da nossa cidade, histórias que estavam começando a ser esquecidas.”

A 3- “Eu achei que era uma simples cidade mais depois que eu comese a ver que ela não é uma simples cidade mais não ela tem e muitas riquezas e entre outras coisas.”

A 29- “Eu comecei a admirar mais a minha cidade depois que li os textos.”

A 18- “Eu comecei a admirar mais a cidade que me criei,e toda a sua história.”

A 12- “Após eu fazer os textos eu mim identifiquei mais com as histórias de Belém principalmente contada pelos moradores.”

Entretanto, dentro desse mesmo contexto, nem todos os alunos fizeram essa identificação das reminiscências do passado com o presente. O aluno apesar de achar interessante as histórias ouvidas não estabelece relações com a cidade agora, classificando o lugar daquela época como “outro Belém” **A18 - “não permanece igual porque as histórias contadas era de ‘outro Belém’ muito diferente era muito mais interessante.”**

Os comentários a seguir demonstram um sentimento de indiferença, onde permanece a visão negativa de antes, não relacionaram as histórias ouvidas e recontadas por eles como referência à época e à realidade em que vivem. Como podemos averiguar nas respostas:

A 20- “O meu olhar de Belém permanece o mesmo pois mudou muito pouco os lugares e etc.”

A 33- “Mudou um pouco, mais não mudou para melhor nem para pior, mais agora continua aquela cidade que todos amamos.”

A 6- “A visão que eu tinha sobre minha cidade é a mesma uma visão negativa.”

A 35- “Eu vejo ele do mesmo jeito até por que eu não vivo muito aqui pra saber se mudou ou não alguma coisa.”

O encontro que se dá entre as gerações ocasionado pelo contato das entrevistas e pela contação do vivido não traz à tona apenas o conhecimento sobre o passado, mas o quanto o que outras pessoas já vivenciaram influencia o presente. Visto que pelo conceito abordado por Hall (2005) sobre identidade social, embora sejamos sujeitos individuais nos constituímos sócio-culturalmente. E as transformações que ocorrem com os indivíduos de maneira contínua subordinam esse sentimento de pertencimento e identidade (Bauman, 2005).

5.3 ANÁLISE DOS TEXTOS MEMORIALÍSTICOS

O ato de narrar é inerente aos seres humanos, visto que cotidianamente estamos contando algum fato ou narrando eventos dos quais tomamos conhecimento ou mesmo dos quais participamos.

O gênero textual memórias literárias está inserido nos gêneros confessionais. Pela proposta apresentada aos participantes, estes devem produzir um texto que contemple o gênero memórias literárias, entremeando os fatos vivenciados e relatados pelos entrevistados com fatos ficcionais característicos do fazer criativo e subjetivo características dos textos literários. O texto deve abordar o tema “O lugar onde vivo”

Os memorialistas deram voz às pessoas mais experientes de sua comunidade, compreendendo e materializando as narrativas orais proferidas pelos mesmos. O trabalho com as memórias torna possível mostrar o valor de pessoas mais velhas de sua comunidade, na medida que extrai fatos relevantes de sua história e do lugar onde vivem. Relembrar proporciona o contato entre as gerações passadas e atuais sendo capaz de gerar um sentimento de pertença ao lugar onde vivem e de identificação com a memória coletiva de sua comunidade.

Partindo dessa visão, os textos produzidos foram avaliados de acordo com os critérios da OLPEF. Lembramos ainda que a transcrição dos textos analisados foi feita com fidelidade a produção do aluno (texto original em anexo)

Procedemos a escolha do *corpus* a partir dos seguintes critérios: (i) textos com maior e menor grau de traços ou características literárias; (ii) uso da linguagem literária; (iii) adequação ao gênero.

5.3.1 Análise das Memórias Literárias “Meu lugar, meu tesouro”

Transcrição do texto do memorialista A 18

Meu lugar, meu tesouro

Nasci e cresci na fazenda Tapera, um lugar lindo e verdadeiro, completamente coberto de árvores ressequidas na seca e formando um imenso quadro verde quando a chuva chegava enfeitando com flores coloridas a paisagem de antes tão triste. Foi nesse paraíso que vivi a minha meninice e parte da minha mocidade antes de vir para a zona urbana em Belém de Brejo do Cruz.

Nesse maravilhoso lugar toda manhã o sol me pegava pela mão para assistir mais um nascer de um novo dia. Às vezes o galo lhe tomava de mim me despertando com sua canção matinal, sempre no seu imponente poleiro. Ah... que saudade da minha infância!

Trabalhei muito desde pequena, mas me divertia ouvindo o canto dos pássaros através de seus bicos, gostava de ver os periquitos, pardais e bem-te-vis.

Naquela época nós mulheres éramos muito idosas, não tínhamos condições de ter muita vaidade, nos faltava os tão sonhados pós-de-arroz para enfeitar o rosto, coisa muito chique e tão longe do nosso alcance. Sempre atentas à fumaça das lamparinas e dos candeiros pois elas nos tingiam de preto durante os bailes de onde saíamos muitas vezes cobertas de suor e os pés tomados de poeira.

Essas são as lembranças que mais marcaram minha mocidade e que me fazem suspirar cada vez que essas imagens tomam meu ser.

Texto baseado na entrevista feita com a senhora D. Maria do Carmo, 71 anos

No texto acima, o autor se coloca no lugar da entrevistada escrevendo em primeira pessoa. Envolve o leitor ao resgatar as lembranças de forma expressiva se utilizando de figuras de linguagem, fazendo com que o mesmo construa imagens daquilo que está sendo narrado.

No primeiro parágrafo, utiliza a descrição para apresentar o ambiente ao mesmo tempo em que apresenta o sentimento de satisfação da entrevistada com a chegada da chuva, fato tão aguardado pelos sertanejos. Para Clara et al. (2008, p.

27), ao descrever devemos olhar o objeto descrito com o estranhamento da primeira vez, trazendo sensações, impressões, emoções às lembranças. A descrição, para elas, tem o poder de envolver o leitor aproximando-o das cenas retratadas na narrativa.

“Nesse maravilhoso lugar toda manhã **o sol me pegava pela mão** para assistir mais um nascer de um novo dia. Às vezes **o galo lhe tomava de mim me despertando** com sua canção matinal [...]”(grifos nossos). Nesse trecho, o autor utiliza a prosopopeia para dar uma maior força expressiva e semântica para narrar o nascer do dia.

Logo em seguida narra fatos episódicos da infância, faz referência a natureza do lugar quando fala dos pássaros. E fala da mocidade trazendo à narrativa elementos que representam os costumes e objetos da época. Podemos perceber nas expressões destacadas “Naquela época nós mulheres éramos muito idosas, não tínhamos condições de ter muita vaidade, nos faltava **os tão sonhados pós-de-arroz** para enfeitar o rosto, coisa muito chique e tão longe do nosso alcance. Sempre atentas **à fumaça das lamparinas** e dos **candeeiros** pois elas nos tingiam de preto durante os **bailes** de onde saíamos muitas vezes cobertas de suor e os pés tomados de poeira.” (grifos nossos)

É possível perceber ainda o tom saudosista que se faz presente na narrativa da personagem ao relembrar a sua mocidade e infância, ainda que em meio a muitas dificuldades e obstáculos. “Essas são as **lembranças** que mais marcaram minha mocidade e **que me fazem suspirar cada vez que essas imagens tomam meu ser.** (grifos nossos)

O texto analisado evidencia uma narrativa que mesmo de forma tímida se utiliza do elemento estético para envolver os leitores e trazer sentimento ao texto. Desse modo, atende satisfatoriamente o tema e a adequação ao gênero ao utilizar expressões carregadas de recursos literários que tem o poder de enriquecer o sentido das palavras e trazer emoção e beleza ao texto.

5.3.2 Análise das Memórias Literárias “Uma mulher guerreira”

Transcrição do texto do memorialista A 26

Uma mulher guerreira

Sou uma pessoa humilde, tenho muito carinho com as crianças, principalmente. Tenho muita alegria quando perdoo quem me ofendeu, não importa como fui ofendida.

Tenho muito o que falar durante toda minha trajetória, mais um ponto fundamental que me trouxe grande alegria, foi quando eu terminei minha faculdade de pedagogia aos meu 56 anos.

É um momento mais inesquecível da minha vida foi a partida eterna da minha querida filha para a missa celestial.

Vou resumir esse relato nesses dois pontos muito importantes da minha vida profissional.

Texto baseado na entrevista com a Sra. Carmém Lúcia Pimenta, 60 anos

Ao iniciar a narrativa, o tempo e o espaço das lembranças narradas devem ser situados para o leitor. Lendo o parágrafo introdutório **“Sou uma pessoa humilde, tenho muito carinho com as crianças, principalmente. Tenho muita alegria quando perdôo quem me ofendeu, não importa como fui ofendida”** (grifos nossos), percebemos que o lugar vivido não foi evidenciado, pontuamos a ausência desses elementos de tempo e espaço, somente há referência às características da entrevistada.

O texto traz as lembranças de forma desarticulada, como se fossem flashes de memória, sem que haja uma ligação coerente entre as partes. Se além a dois fatos apenas para ancorar suas reminiscências: a conclusão do curso superior e a morte da filha **“[...] quando eu terminei minha faculdade de pedagogia aos meu 56 anos.”**, **“[...] a partida eterna da minha querida filha para a missa celestial.”** (grifos nossos)

Embora os fatos narrados demonstrem emoção em relação ao vivido, até mesmo um tom emotivo; não há presença de elementos literários na narrativa descaracterizando o caráter ficcional que as memórias literárias apresentam. Clara et al. (2008, p.9) chamam a atenção para a importância de empregar uma linguagem literária pelo fato de dar profundidade e beleza ao texto, despertando a emoção do leitor.

5.3.3 Análise das Memórias Literárias “Minha história”

Transcrição do texto do memorialista A 17

Minha história

Eu sou Benedita Maura tenho 65 anos morava no sítio, e a passagem mais importante da minha vida foi a minha primeira festa em Belém, pois eu nunca tinha ido à uma festa.

Foi uma festa de SÃO JOÃO gostei muito da festa, as festas antigas eram muito bonitas, essa foi uma das coisas que mais me marcaram. Lembro também quando eu era pequena ajudava minha mãe em casa, enquanto meu pai e meus irmãos trabalhavam na roça.

Uma coisa bem interessante de antigamente foi a inauguração dos postos de saúde de Belém que até então não existia nenhum. E as coisas mais antigas que eu tenho é um moinho e uma foto do meu casamento.

Texto baseado na história de Benedita Maura, 65 anos

As lembranças resgatadas no texto são demarcadas pela narração de uma festa tradicional, de episódios da infância e dos afazeres de cada membro da família. No entanto essa caracterização é bastante superficial, sem descrições que conduzam o leitor a esta época. Ao fazer referência à festa **“Foi uma festa de SÃO JOÃO gostei muito da festa, as festas antigas eram muito bonitas [..]”** (grifos nosso) não descreve como eram essas festas antigas, nem como eram os costumes e modos de vida do passado para assim aproximar o leitor da experiência relatada no texto.

Através dessa caracterização, mesmo tímida, do cotidiano e das práticas sociais como o caso das festas ou de um acontecimento importante para a cidade **“[...] a inauguração dos postos de saúde de Belém que até então não existia nenhum.”** (grifos nossos) conseguimos construir a imagem dessas práticas rotineiras na comunidade. Mas vislumbramos a carência de aspectos literários que misturassem ficção à realidade narrada, fazendo com que o texto se assemelhe a outro gênero: o relato.

Observamos ainda uma tentativa de fazer referência a objetos que remetem ao passado **“[...] E as coisas mais antigas que eu tenho é um moinho e uma foto do meu casamento.”**, mas isso se dá de forma pontual e sem relacionar a importância destes como símbolos dessa época.

5.3.4 Análise das Memórias Literárias “Tarde de domingo”

Transcrição do texto do memorialista A 2

Tarde de domingo

Que tarde linda de domingo levando um vento deitado em minha rede. Vendo quem vai e quem vem mais quando me lembro de minha juventude das farras que era muito lindo o som da zabumba e da sanfona e do pandeiro. As festas eram mesmo uma maravilha.

Que nem se comparam as de hoje em dia que só escuta música sem sentido, não se ouve mais um xote nem o fole. A roça lembro que era muita fartura melancia, milho, batata, o cheiro do chão molhado, a poeira da enxada cortando o chão, os amores que tive o tempo passa e o que fica são as lembranças lindas que nunca vão embora de nossos corações.

No primeiro parágrafo apresenta aspectos característicos da época e da região quando aborda o costume de deitar em rede nas tardes de domingo observando os transeuntes, nos instrumentos musicais a zabumba, a sanfona e o pandeiro que caracterizam o forró pé de serra. “[...] **tarde linda de domingo levando um vento deitado em minha rede. Vendo quem vai e quem vem mais quando me lembro de minha juventude das farras que era muito lindo o som da zabumba e da sanfona e do pandeiro[...]**”.

Há no segundo parágrafo algumas descrições sinestésicas “[...] **muita fartura melancia, milho, batata, o cheiro do chão molhado [...]**” uso de figuras de linguagem “[...] **a poeira da enxada cortando o chão[...]**”.

O autor - produtor faz um contraste do passado com o presente, “[...] **As festas eram mesmo uma maravilha. Que nem se comparam as de hoje em dia que só escuta música sem sentido, não se ouve mais um xote nem o fole[...]**”, compara as festas de antigamente com as de hoje atendendo assim a uma outra característica do gênero de memórias literárias. Além disso percebemos uma valorização dos ritmos regionais.

Embora a narrativa ainda se restrinja às ações cotidianas, diferem das duas memórias anteriores por apresentar um desenvolvimento mais coerente, embora ainda deixe a desejar em alguns aspectos.

Em síntese, nas memórias **“Uma mulher guerreira”** e **“Minha história”** os textos não atendem as características de composição do gênero, trazendo os fatos narrados de maneira desconectada, não recorrendo a literalidade pelo fato de não adicionarem pitadas de ficção nem fazerem um trato diferenciado com a linguagem enredando o leitor nas tramas do texto. Dessa forma, aproximam-se do gênero relato

oral, visto que em nenhum momento temos evidências de traços literários ou ficcionais.

No caso da memória **“Tarde de domingo”** percebemos um avanço em comparação aos dois textos citados anteriormente. Não atende satisfatoriamente a estrutura composicional exigida pelo gênero por não trazer uma narrativa linear, mas lembranças pontuais da rotina da entrevistada, sem que haja um ritmo ou sequência. No entanto faz uso, mesmo que de maneira comedida, das figuras de linguagem e aborda o contraste entre presente e passado.

Dos quatro textos analisados, apenas a memória **“Meu lugar, meu tesouro”** contempla de forma satisfatória o gênero memórias literárias, fazendo uso da ficcionalidade ao entremear os fatos reais aos quais teve acesso com os recursos da linguagem literária. Assim como recontar esses fatos narrados como se fossem seus, recuperando a história de seu lugar a partir da vivência da antiga moradora.

Cabe destacar que mesmo diante das dificuldades enfrentadas pelos alunos para produzir o gênero em questão, sejam no que diz respeito a progressão temática, seja na organização textual; as memórias nos reportam à época lembrada através dos costumes, crenças, eventos culturais, relações familiares e sociais que permeiam cada texto produzido. Cada história que tomou corpo pelas mãos desses alunos autores trouxe à tona um sentimento saudosista carregado de sentimentos e emoções.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos nossas considerações finais com o sentimento de satisfação e de dever cumprido por chegar ao final dessa pesquisa. O que antes nos parecia distante, agora tomou forma e nos fez refletir sobre nossa prática cotidiana em sala de aula e da importância do PROFLETRAS para a percepção de tantos novos caminhos que ajudarão a melhorar nosso trabalho.

O *corpus* da nossa pesquisa foi composto por dois questionários aplicados antes e depois da sequência didática bem como de quatro textos de memórias baseados nas entrevistas feitas pelos alunos com moradores mais antigos de sua comunidade. Com isso esperávamos ressignificar a identidade local a partir do contato com as histórias do seu lugar através da fala de cada morador.

Com o objetivo de obter respostas para as nossas inquietações em relação ao trabalho com a literatura, pensando em uma maior identificação entre esta e os nossos alunos, nos debruçamos sobre os estudos sobre o ensino de literatura. Pensando em como contribuir de maneira positiva com o fato de que muitos alunos apresentavam uma visão negativa em relação ao lugar onde vivem e com a pretensão de ressignificar a identidade local tomamos como aporte os estudos sobre identidade e memória

Desse modo, num primeiro momento foi possível perceber um maior interesse no que diz respeito a literatura e aos textos literários, sobretudo memórias literárias. Os alunos se sentiram mais motivados a ter contato com os textos literários por relacionarem os mesmos a fatos bem próximos deles e de sua realidade. As leituras ocorreram de maneira satisfatória e prazerosa, sem a resistência tão acentuada de antes mostrando ser possível, através de um trabalho direcionado e motivador, que a literatura ganhe novas conotações dentro da sala de aula.

Ratificamos a relevância de um trabalho dinâmico e sistemático com a literatura e com essa intervenção e conclusão da pesquisa, conseguimos ressignificar as aulas de Literatura no nono ano da escola citada e pudemos observar que os alunos passaram a demonstrar uma maior identificação e pertencimento à cidade de Belém. Desse modo, oferecemos aos nossos alunos o contato com atividades e textos que os aproximassem da literatura fazendo-os refletir sobre o seu papel e o quanto esta faz parte do nosso cotidiano.

Destacamos a importância do trabalho com textos literários ofertado aos nossos alunos aproximando-os da linguagem literária que amplia, enriquece e transforma a própria experiência de vida assumindo desse modo sua função social.

Escolhemos as memórias literárias por acreditar que esse contato os faria refletir sobre a identificação deles com o lugar onde vivem reforçando ou ressignificando os sentimentos de pertencimento e identidade dos mesmos. Além disso, acreditamos que o contato dos jovens com a literatura e a leitura literária aconteceria de forma mais prazerosa e proveitosa.

Antes da aplicação da sequência didática aplicamos um questionário sobre os hábitos de leitura dos alunos e da relação que estes estabelecem com a literatura. Também procuramos entender que ligação eles têm com o lugar onde vivem, se se identificam ou não com esse espaço. Após a sequência aplicamos o segundo questionário que procurou desvendar se houve modificações depois da sequência didática no que diz respeito à leitura literária, à identificação dos alunos com o lugar onde vivem e ao papel da literatura.

Ao analisarmos o primeiro questionário pudemos perceber que a relação destes com a leitura e a literatura ainda anda distante do que desejamos e daquilo que eles próprios necessitam, contudo, é importante assinalar que as práticas de leitura evoluíram junto com a sociedade na qual estão inseridas. O fato de nenhum aluno ter afirmado não gostar de ler nos faz pensar sobre o que consideramos de fato leitura quando afirmamos que nossos alunos não leem ou não gostam de ler. A leitura há muito deixou de ser atrelada apenas aos livros, exemplo disso é a presença cada vez maior das TICs e as redes sociais no cotidiano das pessoas. Nesse sentido, a internet tem facilitado o acesso à leitura se levarmos em consideração que os alunos estão a todo momento em contato com o texto nas redes sociais, embora a qualidade e a quantidade do que se lê ainda sejam insuficientes e/ou insatisfatórias.

Constatamos, assim, que ainda temos um caminho a percorrer no que diz respeito aos hábitos e a constância da leitura que como foi visto na análise dos questionários ainda é insuficiente. Assim, cabe ressaltar a importância do professor como um incentivador nesse processo de motivar o aluno para desenvolver o gosto pela leitura

Refletindo sobre as respostas dos alunos em relação a esse incentivo pelos seus professores, constatamos que o resultado ainda deixa a desejar pois 13% afirmaram que seus professores não os incentivaram nesse processo. Demonstrando

assim a necessidade de o professor redirecionar sua prática, através de suas atividades e experiências leitoras para assim ser testemunho vivo daquilo que ele próprio defende: o prazer que a leitura proporciona.

Após a análise das questões referentes à leitura, partimos para a análise das questões sobre o lugar onde vivem, nas quais procuramos desvendar que relação eles têm com esse espaço, se há por parte dos alunos um sentimento de pertencimento a esse lugar e se houve modificações na visão que tinham de sua comunidade. Em nossa pesquisa, pudemos identificar que ainda persiste o sentimento negativo em relação a sua cidade, mas em uma pequena quantidade. Constatamos que essa ocorrência diminuiu consideravelmente. Diante das respostas colhidas é possível perceber que grande parte apresentou um novo olhar, dessa vez positivo, de admiração pelo seu espaço ao ter contato com as histórias colhidas por eles e posteriormente transformadas em texto de memórias.

O segundo questionário aplicado objetivava desvendar se houve modificações depois da aplicação da sequência didática no que diz respeito à leitura literária.

Constatamos um resultado bastante positivo e satisfatório visto que a maioria dos alunos se sentiu motivado para a leitura literária e todos os alunos conseguiram relacionar os textos memorialísticos à literatura ligando-os ao caráter subjetivo e ficcional que esta proporciona. No entanto, entendemos que a busca pela valorização da literatura em sala de aula é contínua e ininterrupta, pelo fato da mesma solidificar o espaço da leitura na escola proporcionando aos alunos adentrar no mundo mágico da ficção e nele refletir sobre o mundo que os cercam, as relações que estabelecem, fazendo uma relação da literatura com suas próprias vidas.

No que diz respeito a ressignificação da identidade local dos alunos através das memórias dos moradores antigos de sua comunidade constatamos que esse encontro foi profícuo no sentido de aproximar esses discentes das histórias que representam a coletividade de sua comunidade. Reconhecendo, assim o quanto o passado vivenciado pelas pessoas do seu lugar influencia a realidade na qual estão inseridos e o quanto a cidade ganhou nova importância e admiração por parte da maioria deles. Acreditamos assim, que o trabalho com memórias literárias foi de extrema relevância para a ressignificação da identidade individual e coletiva dos nossos alunos em relação ao lugar onde vivem, reavivando o sentimento de amor e pertencimento à sua comunidade.

Em relação aos textos de memórias literárias há três pontos exigidos pelo gênero que consideramos essenciais:

- Resgatar a história de sua comunidade tomando como base as lembranças de um antigo morador;
- Reescrever os fatos colhidos nas entrevistas como se fossem seus;
- Desenvolver uma narrativa que consiga intercalar os fatos relatados pelos entrevistados com os recursos inerentes à linguagem literária, dando ao texto um caráter ficcional;

Após a análise dos textos, constatamos que apenas um contempla de maneira satisfatória os critérios elencados anteriormente, a memória “Meu lugar, meu tesouro”. Os demais textos demonstram, em maior e menor graus, uma certa dificuldade em distinguir e separar as memórias literárias do gênero relato oral, limitando-se apenas a relatar eventos episódicos do cotidiano dos moradores, não atendendo plenamente as características do gênero proposto.

Chegando ao final da nossa pesquisa acreditamos ter contribuído para os estudos sobre o ensino de literatura, assim como para a formação do leitor literário, mas conscientes de que ainda há muito a ser feito, que as possibilidades de trabalho com a literatura são infindáveis. No entanto, acreditamos ter atendido ao que nos propomos que foi contribuir de modo eficaz com a ação docente, especificamente sobre o ensino de literatura, na certeza que exploramos uma entre tantas outras possibilidades que este trabalho possa suscitar. Certos ainda de que as discussões não se esgotam aqui e que nossa pesquisa poderia ganhar outros vieses dentro de um contexto maior que pode ser explorado futuramente.

Não poderíamos deixar de destacar que essa pesquisa possibilitou uma relevante visibilidade às pessoas idosas da comunidade trabalhada através dos seus relatos que ganharam voz na escrita dos nossos alunos, trazendo ao presente belíssimas histórias do passado do seu lugar.

Assim, esperamos ter contribuído não somente com a escola a qual aplicamos a nossa pesquisa, mas com outras instituições que também têm o desejo de valorizar o ensino de literatura e proporcionar aos seus alunos o encantamento que o texto literário propicia.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M.M. Os Gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Emsantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 277-322.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Trad. Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2006a.
- _____. **Gênero, agência e escrita**. Org. Â. Paiva Dionísio e J. Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2006b.
- BOENO, Neiva de Souza. **Memórias literárias: das práticas sociais ao contexto escolar**. 2013. 253f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Cuiabá, 2013.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. B823p Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 2001
- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. In: *Ciência e cultura*. São Paulo. v. 24, n.9, 1972.
- CENPEC. Se bem me lembro. **Caderno do professor: orientações para produção de textos**. Equipe de produção: Regina Andrade Clara, Anna Helena Altenfelder e Neide Almeida. São Paulo: Cenpec, 2010. Coleção da *Olimpíada*.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Editora Vozes, 2008.
- CLARA, R. A.; ALTENFELDER, A. H.; ALMEIDA, N. **Se bem me lembro: caderno do professor: orientação para produção de textos**. São Paulo: Cenpec, 2010.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição; SIMIONI, Claudete Aparecida. Sequência didática: uma proposta metodológica curricular de trabalho com os gêneros discursivos/textuais. In: BARROS, Eliana Merlin Deganutti de; RIOSREGISTRO, Eliane Segati. **Experiências com sequências didáticas de gêneros textuais**. Campinas: Pontes Editores, 2014. p. 15-39.
- DOLZ, Joaquim; GAGNON, Roxane; DECÂNDIO, Fabrício. **Produção escrita e dificuldades de aprendizagem**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2010.

_____. Joaquim; SCHNEUWLY, B.; NOVERRAZ, M. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro]. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

GRESSLER, L. A. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. 3. ed. ver. E atualizada. São Paulo: Loyola, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Dp&a, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1992.

LEITE, Rosimeire Martins. **A reescrita do gênero memória literária nas Olimpíadas de Língua Portuguesa**. 2017. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Letras, Letras, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2017.

LIMA, A. **Recordar para contar**. IN: Na ponta do lápis, ano V, nº 11, ago/2009.

MACIEL, Sheila Dias. A literatura e os gêneros confessionais. In BELON, A. R.; MACIEL, S. D.(org). **Em Diálogo: estudos literários e linguísticos**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004.

_____. **A formação do professor de literatura e os gêneros confessionais**. Polifonia. Cuiabá. Ed. UFMT nº 18, p. 41-49 2009 issn 0104-687x

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **A Questão do suporte dos gêneros textuais**. (UFPE/CNPq) DCLV – V. 1. João Pessoa, Out. /2003a, 9-40

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In_____DIONÍSIO, MACHADO &BEZERRA (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003b.

MARTINS, Luciana de Lima. **História, Literatura e Memória: reflexões sobre a Grande Guerra (1914-1918)**. João Pessoa, 2008. Disponível em: < http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailheObraForm.do?select_action=&co_obra=172906>. Acesso em 15 out 2016.

MELO, Jeane Maria de. **O lugar do texto literário na diversidade imagética dos gêneros textuais**. In: XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências. USP - São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Ângela et al. **Leitura na escola: espaço para gostar de ler**. Instituto de Ensino Superior da FUNLEC-IESF, 2009. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT4%20PDF/LEITURA%20NA%20ESCOLA%20ESPA%20C7O%20PARA%20GOSTAR%20DE%20LER.pdf>. Acesso em: 01 out. 2017.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. In: _____. Estudos Históricos. Tradução de Monique Augras. Rio de Janeiro: v.5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RAMOS, F.B; ZANOLLA, T. Repensando o ensino de literatura no ensino médio: a interação texto-leitor como centro. In **CONTRAPONTO** – Volume 9 nº 1 – pp. 65-80 – Itajaí, jan/abr 2009

ROCHA, M. L. Pesquisa-intervenção e a Produção de Novas Análises. In **Psicologia ciência e profissão**. N. 23, p. 64-73, 2003. Disponível em: <<file:///C:/Urses/Computec20Informatica/Downloads/Pesquisa-Intervencao.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

SCHNEUWLY, B., DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

VOLMER, Lovani. Leitura na escola: espaço para gostar de ler. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 52, p. 1-25, jan. 2007. ISSN 1982-2014 Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/27>>. Acesso em: 12 ago. 2018

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos; WAGNER, Tânia Maria Cemim. **Leitura do texto literário: prazer e aquisição de conhecimentos**. Perspectiva, Florianópolis, v. 25, n. 2, jul./dez. 2007.

ZILBERMAN, R; ROSING, T, M, K. (org) **Escola e leitura: velhas crises, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

ANEXO 2



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras



ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

QUESTIONÁRIO DO ALUNO (A)

IDENTIFICAÇÃO: _____

1. Você gosta de ler?

() Sim () Na maioria da vezes () às vezes () não

2. Com que frequência você lê

() diariamente () semanalmente () mensalmente () não lê () outro

3. Que tipo de leitura você gosta de fazer?

4. você participa da escolha dos livros lidos em sala ou na biblioteca?

() sempre () na maioria das vezes () Às vezes () Nunca

5. Quantos livros você leu ano passado?

() 1 livro () mais de 5 () mais de 10 () mais de 15 () Nenhum

6. Os professores que você teve incentivaram a leitura em sala de aula?

() sim () não () alguns

7. Os livros lidos por você durante o ano passado foram escolhidos livremente ou indicados pelo professor?

8. Qual o livro que você mais gostou? Por quê?

9. Qual o livro que você não gostou? Por quê?

ANEXO 3



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras



ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

QUESTIONÁRIO DO ALUNO (A)

IDENTIFICAÇÃO: _____

1. Qual a sua opinião sobre a leitura de seus textos feitas ao longo das oficinas e produção dos textos memorialísticos?

- () prazerosa
- () enfadonha
- () indiferente

2. As histórias colhidas e recontadas por você têm relação com a literatura?

- () Sim
- () Não
- () indiferente

3. Após o trabalho desenvolvido nas oficinas e o trabalho com as memórias literárias você se sentiu motivado à leitura literária?

- () Sim
- () Não
- () Um pouco

4. Qual o seu olhar sobre o lugar em que vive após conhecer as histórias do seu lugar através das entrevistas com os moradores, e do seu texto e dos demais colegas?

5. Após o contato com os textos de memórias durante a sequência didática você sentiu-se motivado a ter mais contato com a literatura?

- () sim
- () não
- () um pouco
- () indiferente

ANEXO 04



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras



ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

Baseado na entrevista que você realizou com um(a) idoso(a) da comunidade, seu desafio será escrever um texto de memórias literárias.

É importante:

Não esquecer que o texto deverá ser escrito em 1ª pessoa, você deverá se colocar no lugar da pessoa que viveu os acontecimentos, retomar as informações dadas pelo entrevistado(a) no depoimento; selecionar as histórias e os fatos mais interessantes e pitorescos, transmitir ao leitor as sensações e emoções que surgiram durante a entrevista; citar objetos e costumes de antigamente fazendo comparações entre o passado e o presente; usar palavras e expressões que marquem o tempo passado; mostrar os sentimentos e sensações rememorados pelo entrevistado: cores, cheiros, sabores e movimentos; lançar mão de recursos literários para tornar o texto interessante.

Identificação: A 34

Título: Uma mulher guerreira

Sou uma pessoa humilde, tenho muito carinho com as crianças, principalmente. Tenho muito alegria quando perdoo quem me ofendeu, não importa como fui ofendida.

Tenho muito o que falar durante toda minha trajetória, mais um ponto fundamental que me trouxe grande alegria, foi quando eu terminei minha faculdade de pedagogia aos meus 56 anos.

É um momento mais inesquecível da minha vida foi a partida eterna da minha querida filha para a vida celestial.

Vou resumir este relato nesses dois pontos muito importantes da minha vida profissional.

Texto baseado na entrevista com a Sra.

Carriem Lucia Pimenta, 60 anos

ANEXO 05



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras



ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

Baseado na entrevista que você realizou com um(a) idoso(a) da comunidade, seu desafio será escrever um texto de memórias literárias.

É importante:

Não esquecer que o texto deverá ser escrito em 1ª pessoa, você deverá se colocar no lugar da pessoa que viveu os acontecimentos, retomar as informações dadas pelo entrevistado(a) no depoimento; selecionar as histórias e os fatos mais interessantes e pitorescos, transmitir ao leitor as sensações e emoções que surgiram durante a entrevista; citar objetos e costumes de antigamente fazendo comparações entre o passado e o presente; usar palavras e expressões que marquem o tempo passado; mostrar os sentimentos e sensações rememorados pelo entrevistado: cores, cheiros, sabores e movimentos; lançar mão de recursos literários para tornar o texto interessante.

Identificação: A 18

Título:

Meu lugar, meu tesouro

Nasci e cresci na fazenda Topetua, um lugar lindo e verdadeiro, completamente coberto de árvores ressequidas na seca e formando um imenso quadro verde quando a chuva chegava enfeitando com flores coloridas a paisagem tão tristes de antes. Foi neste paraíso que vivi a minha infância e parte da minha mocidade antes de vir para a zona urbana em Belém do Brejo do Cruz.

Nesse maravilhosa lugar toda manhã o sol me pegava pela mão para assistir mais um nascer de um novo dia. Às vezes o galo lhe tomava de mim, me despertando com sua canção matinal, sempre no seu imponente poleiro. Oh... que saudade da minha infância.

Trabalhei muito desde pequena, mas me divertia ouvindo o canto dos passaros através de seus bicos, gostava de ver os periquitos, pardais e lem-te-vis.

Naquela época nós mulheres éramos muito idosas, não tínhamos condições de ter muita vaidade, nos falavam os tão bonhados pós-dermes para enfeitarem o rosto, coisa muito chique e tão longe do nosso alcance. Sempre atentos à

fumaca das lamparinas e dos candeieiros pois
elas nos tingiam de preto durante os bailes de
onde saíamos muitas vezes cobertas de suor e
os pés tomados de poeira.

Essas são as lembranças que mais marcaram
minha mocidade e que me fazem suspirar cada
vez que estas imagens tomam meu ser.

Texto baseado na entrevista com a senhora
D. Maria do Carmo, 71 anos

ANEXO 06



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras



ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

Baseado na entrevista que você realizou com um(a) idoso(a) da comunidade, seu desafio será escrever um texto de memórias literárias.

É importante:

Não esquecer que o texto deverá ser escrito em 1ª pessoa, você deverá se colocar no lugar da pessoa que viveu os acontecimentos, retomar as informações dadas pelo entrevistado(a) no depoimento; selecionar as histórias e os fatos mais interessantes e pitorescos, transmitir ao leitor as sensações e emoções que surgiram durante a entrevista; citar objetos e costumes de antigamente fazendo comparações entre o passado e o presente; usar palavras e expressões que marquem o tempo passado; mostrar os sentimentos e sensações rememorados pelo entrevistado: cores, cheiros, sabores e movimentos; lançar mão de recursos literários para tornar o texto interessante.

Identificação: Cia

Título: tarde de domingo

que tarde linda de domingo levando um vento
deitado em minha rede. vendo quem vai e quem vem
mais quando mi lembra de minha juventude das
fazendas que era muito linda o nome da Zulema e da
mampira e da pendura. Cia. estas eram mesmo umas
maravilhas.

Que mem me compoem as de hoje em dia que só
encute música nem nada não se vive mais um Xa-
re nem o fete. Ci isso lembra que era muito fazenda
melancia, melão, batata, a chapa do café molhada e pa-
sica da entrada sentando o café, as crianças que tive o tem-
po para e o que fica não as lembranças lindas que era
ci. tão embora de memora caração.

ANEXO 07



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras



ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

Baseado na entrevista que você realizou com um(a) idoso(a) da comunidade, seu desafio será escrever um texto de memórias literárias.

É importante:

Não esquecer que o texto deverá ser escrito em 1ª pessoa, você deverá se colocar no lugar da pessoa que viveu os acontecimentos, retomar as informações dadas pelo entrevistado(a) no depoimento; selecionar as histórias e os fatos mais interessantes e pitorescos, transmitir ao leitor as sensações e emoções que surgiram durante a entrevista; citar objetos e costumes de antigamente fazendo comparações entre o passado e o presente; usar palavras e expressões que marquem o tempo passado; mostrar os sentimentos e sensações rememorados pelo entrevistado: cores, cheiros, sabores e movimentos; lançar mão de recursos literários para tornar o texto interessante.

Identificação: A-26

Título:

Minhas Histórias

Eu sou Benedita Moura tenho 65 anos moro no sítio, lá passei meus momentos da minha vida foi a minha primeira festa em Belém, pois eu nunca tinha ido em uma festa.

Foi uma festa de São João gostei muito da festa, as festas antigas eram muito bonitas, lá foi uma das coisas que mais me marcou. Também lembro quando eu era pequena ajudava minha mãe em casa, enquanto meu pai e outros irmãos trabalhavam no m-
ca.

Uma coisa bem interessante de antigamente foi a inauguração das festas de São João de Belém que até então não existia nenhuma e as coisas mais antigas que eu tenho e são muitos de milho e uma foto do meu casamento.

Texto baseado nas histórias de:

Benedita Moura...

65 anos.